

# REVISTA DE EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DO PROFESSORADO CATARINENSE

Florianópolis

## Um ano de existência

A. LÚCIO

Diretor da Revista de Educação.

Com este número «Revista de Educação» completa o seu primeiro ano de existência.

Motivo de contentamento há, e de sóbra, porque, se muitas foram as dificuldades com que tropeçávamos a cada passo, não faltando sequer os pessimistas a descrerem das possibilidades e da capacidade do professorado catarinense, tivémos, em compensação, aplausos à iniciativa que empreendêramos, vindo o Governo do Estado com o seu apôio moral e material, trazer amparo ao nosso ideal, tornando-o numa realidade, por bem compender quanto de utilidade traria a Revista ao professorado primário.

É justo e humano que sintamos hoje um certo quê de alegria e de orgulho por um triunfo que, para muitos, pôde não ter significação bastante, mas, para nós, importa num marco de significativo relêvo na nossa existência.

Esta Revista é o nosso grão de areia, modesto, mas trazido dos arcanos de nossa alma, para êsse memorável arcabouço que é a educação da infância do nosso querido Brasil e que há de o colocar num plano digno de sua grandeza.

Os que conhecem as dificuldades em empreendimentos tais, bem podem avaliar o quanto de esforço dispendêmos, quanta fé em nós mesmos precisamos ter para não recuar em meio da jornada.

Entraremos na sua segunda etapa com a mesma crença, revestidos da mesma confiança que nos impêle e animados dos mesmos ideais.

Prosseguiremos no mesmo ritmo, confiante em nós mesmos, fator primordial para o êxito de qualquer empresa. Sim, porque jamais nos faltou a confiança nas nossas possibilidades e de quanto somos capazes, quando impelidos por um ideal de trabalho e de progresso.

Não nos afastamos da rôta a que nos propuzêmos. Revista pedagógica, é com esta finalidade que continuaremos.

## FRÖBEL

Ao eminente educacionista Luiz Trindado

Chama-se Obserweissbach a humilde aldeia do principado de Schwarzburgo, na Turingia, onde a 21 de abril de 1782, nasceu Augusto Guilherme Frederico Fröbel.

No reponar da vida, empolgou-o a desdita; antes que completasse um ano, perdeu sua mãe, de cujos carinhos tanto careceu.

Escrevia êle, certa vez, às senhoras de Hamburgo: «Tenho o prazer de apresentar-vos uma ideia, que é grande e santa; uma ideia, cuja realização deve conduzir à felicidade do genero humano. O destino escolheu-me para ser, braço executor, sem dantemão haver-me consultado. Ensinou-me a importancia de uma educação em harmonia com a natureza, mediante amargas experiencias e privações, quando a precoce perda de minha mãe me obrigou a educar-me por mim proprio».

Seu pai era ministro evangelico. Apòs um segundo consorcio que veio anuiar a meninice de Fröbel com o desafeto da madras-ta e, consoante ao seu costume, começou a ensinar-lhe a lêr. Fröbel pouco aproveitando as lições ministradas por seu pai, foi posto em uma escola de meninas onde, — seus estudos consistiam em aprender de cór versiculos da Biblia e canticos, alguns dos quais o impressionaram profundamente.

Concomitante a estes sucessos, e por aprender de seu irmão — Cristiano, que praticava teologias, veio Fröbel no conhecimento de que não só no homem, senão tambem nas plantas, havia diferenças sexuais.

«A partir desse momento — escreve êle — a vida humana e a vida da natureza, a vida do espirito e a vida das flôres, se me antolharam inseparaveis. Achei-o que me havia mistér; ao lado da Igreja o templo da natureza; de par com a vida humana tão agitada e tão cheia de discordias, a vida tranquila e pacifica dos vegetais».

Providencialmente, seu tio, decidiu-se a tutorar Fröbel, levando-o consigo e pondo-o na escola.

Adquerindo Fröbel, em companhia de Hoffmann, seu tio, uma liberdade que não conhecia, creou côres e sangue, perdeu maus habitos e prosperou nos estudos.

Aos 15 anos houve necessidade de escolherem uma vocação. Ser aprendiz de um guarda florestal, com quem devia aprofundar-se das regras — da silvicultura, geometria e agrimensura, foi sua sorte. Aí viveu 2 anos, matriculando-se, em seguida, na Universidade de Jena. Tempos depois morrem seus pai e tio, sobrevindo um periodo de vida diverso.

Questões financeiras fizeram-no abraçar a carreira de arquitetura, em Frankfort. Aí ata relações com Gruber, diretor de uma escola modelo sob o método de Pestalozzi, e apòs insistentes pedidos, aceita um logar de professor.

A instrução na Escola Modelo de Frankfort, não prazia a — Fröbel, começando então, alvorecer-lhe no espirito, o descobrir as leis do desenvolvimento mental.

Desejando conhecer pessoalmente a Pestalozzi, que fôra o primeiro a iniciar o ensino consoante métodos naturais, partiu Fröbel para Yverdum, donde voltou maravilhado, e aonde tornou afim de aperceber-se de feição a poder desenvolver e propagar as ideias e os esforços do educador suiso.

Vendo-se carecido de conhecimentos, entrou para a Universidade de Goettingen, a versar-se em linguas orientais.

Cedo passa-se à pequena escola para Keilhau, onde a cunhada viuva de Fröbel negociára uma quinta. Tormentos e inopias sucederam-se aí sem intercadencia. Em 1817, dois de seus irmãos determinam-se a socorre-lo e constróe-se uma escola de molde ao intuito. No ano seguinte Fröbel espòsa Guilhermina Hofmeister. Até então lidara com vária fortuna, mas dêste matrimonio se causaram sérios embaraços financeiros a ponto de sua empreza periclitar, quando Cristiano Fröbel, vem liberalmente em auxilio do irmão. Reduziu à moeda tudo quanto possuia.

Já agora dias mais prosperos alvorecem.

Fröbel dá a lume as suas ideias; ediciona a «Educação do Homem» e uma gazeta semanal. Nessa circumstancia, por intermédio do filósofo Krause, veio Fröbel no conhecimento dos notaveis trabalhos de Comenius, e especialmente da Schola Materna Gremü, em que o pedagogo trata da educação da primeira infância.

Em 1836, devido a morte de sua sogra, parte Fröbel para Berlim, e aí dedica-se com um plano para a educação das creancinhas, escolhendo a pequena cidade de Blackenburgo, local para a criação do «Instituto para as creancinhas».

Editou a titulo de propaganda um hebdomadario onde apareceram as primeiras explicações a respeito dos *brinquedos imaginados*.

Este esbelecimento, Fröbel chamou de «Jardim da Infância» (Kindergarten).

Acêde ainda outro infortunio: No ano de 1840, morre-lhe a espòsa, sua dedicada auxiliar. Fröbel desanimado regressa a Keilhau, onde surge um acontecimento que teve consequências consideraveis; a Baroneza de Marenholtz, tendo ido ás aguas de Liebenstein, falaram-lhe um «velho louco» que *fazia brincar* os filhos dos camponeses.

Tendo encontrado o velho louco em um passeio, ficou impressionada de sua conversação, e em breve tornou-se uma fervorosa discipula do grande pedagogo.

Acontece porém que, Diesterweg, Diretor da Escola Normal de Berlim, foi a Liebenstein. A Baroneza falou-lhe de Frobel e insistiu por lh'o fazer conhecer pessoalmente. E assim se refere a Baroneza:

«A lição já tinha começado quando chegamos. Fröbel, no meio de seus discipulos, estava tão possuido do assunto que desenvolvia com seu calor costumado, que não deu fê de nossa entrada; pudemos pois, penetrar na sala sem ser vistos. Foi com um sorriso levemente ironico que Diesterweg escutou as palavras de Frobel; mas pouco a pouco esta expressão desapareceu para dar logar á do mais vivo interêsse, e enfim uma emoção que se traduziu por lágrimas silenciosas».

Raiava para Fröbel uma nova aurora.

Sob a égide da Baroneza foi creado um Instituto no castelo de Mariental, do Duque de Saxe-Meiningen, onde acudiam de toda parte jovens, senhoras que vinham, agora, seguir suas lições. Diesterweg lhe enviou a propria filha como discipula.

O inverno de 1851 passou êle em meio de seus discipulos, que o rodeavam da mais profunda veneração, e que por ocasião de seu seluagêssimo aniversário organisaram comovente festa de familia.

Pouco depois uma polemica travada nos jornais de Hamburgo veio enupear o coração do pobre velho: punham em dúvida a ortodoxia de suas opiniões religiosas.

Alguns dias após, abriu-se em Gota o Congresso Geral dos Professores alemães: Fröbel para ai se dirigiu.

A aprovação que Diesterweg tinha dado aos processos do Creador do Jardim da Infância, e o alto de rigor de que fôra vilitima por parte do governo prussiano, haviam-lhe conquistado simpatias.

Assim, quando Fröbel modestamente entrou na sala das sessões, todos se levantaram e o saudaram com grande aclamação; e êle, comovido, sentia sua última alegria.

Regressando á Mariental caiu enfermo onde, sempre preocupado com os ataques dirigidos ás crenças, expirou a 21 de junho de 1852, tendo proferido as palavras enunciativas da Trindade Cristã.

Depois de sua morte a Baroneza continuou a obra de Fröbel, e tão ingentes foram os seus esforços que é hoje, o «Kindergartenn», uma instituição universal.

Florianopolis, 15/10/30.

PLAVIO FERRARI

# Pontos de vista

ADÃO MIRANDA

( Especial para a «Revista de Educação» )

## Ensino profissional

Assunto de magna importância, que tem preocupado, nestes últimos tempos, os governos dos Estados, porquanto seja parte integrante da instrução popular, é o ensino profissional.

De alguns anos a esta data, a educação do povo se há impulsionado em todos os seus setôres. O Governo, compreendendo a inestimavel utilidade da criação de escolas profissionais, tem realizado estudos no sentido de bem aparelhá-la, dotando-as de os mais modernos métodos e processos. Não basta, como provado está por autoridades no assunto de educação popular, o ensino de materias elementares, limitando-se apenas ás primeiras lições de português e aritmética. Não é suficiente instruir certa e determinada classe privilegiada. É preciso o funcionamento de escolas profissionais, onde os que não podem frequentar ginásios ou escolas normais, adquirem conhecimentos úteis para a luta pela vida, contando com profissões especializadas.

Um diploma de ginasiano ou de normalista não é suficiente para resolver o grande problema da educação da nossa gente pobre. Formemos uma mocidade intelectual, mas não nos esqueçamos que o Brasil precisa, agora mais do que nunca, de homens capazes para explorar o seu sub-solo. A agricultura aí está a exigir estudos mais vastos e amplos para que ela se revele, a outros que duvidam das nossas riquezas, uma das formidaveis estradas por onde deveremos trilhar para conseguirmos gloriosos dias futuros para a nossa pátria! O Brasil—é frase corrente—é um país essencialmente agrícola. Mas, onde a riqueza nêsse país essencialmente agrícola?

• • •

Não irei extender-me em considerações em tôrno da agricultura. Falarei, agora, sobre o ensino profissional, mostrando a necessidade urgente e inadiavel, que há em possuirmos escolas de mecânica, marcenaria, alfaialaria, e... côrtes, costuras, desenho, taquígrafia, datilografia, etc.

A instrução profissional deve ser incentivada, e, muito bem andaria o governo tornando-a obrigatória ao nosso povo. É preciso garantir o futuro de nossa gente que não pôde conseguir diplomas de bachareis. O Brasil está repleto de advogados, médicos, farmacêuticos, etc. Não serão eles que hão de explorar as nossas riquezas naturais. Possuímos um mundo de desempregados. E porque? Simplesmente porque não tiveram as escolas profissionais. Hão de dizer que os operários são os que mais lutam «sem trabalho». Sim, aceito tal explicação, mas é preciso compreender que operários não formaram em escolas onde pudessem aprender. Não! Conhecer uma profissão praticamente, tão sómente, não assegura futuro a ninguém. Saiam profissionais diplomados pela Brasil a fóra, aptos a exercerem cargos técnicos, e garanto que, dentro em pouco, estaremos com as nossas mais incognitas riquezas exploradas. Porque não possuímos fábricas de automóveis? Por que o número de mecânicos é reduzidíssimo. Tenhamos mecânicos competentes e hão de aparecer milionários para instalar usinas, fábricas de automóveis, etc. Sejam mais brasileiros: deixemos de lado o nosso pessimismo e sejamos propugnadores dessas idéias. Digamos aos governos que necessitamos de ensino profissional. Batalhemos por essa vitória que será mais um passo andado na estrada batida dos nossos ancêios.

\* \* \*

O Governo Federal mantém, em vários Estados, escolas de ensino profissional. E, porque? Reconhece que ha necessidade de instruir a mocidade profissionalmente, dando-lhe oportunidade de conhecer as varias profissões genuinamente técnicas. Aqui, em Florianópolis, temos a Escola de Aprendizes Artífices que vem prestando relevantes serviços aos filhos de operários. Mecânicos, alfaiates, escultores, agricultores, têm saído desse estabelecimento de ensino profissional, aptos para a luta pela vida, capazes de, com a profissão escolhida, trabalharem pelo engrandecimento do Brasil.

Admiro os moços que se formam nessas casas de ensino profissional, porque nêles vejo homens fortes para, humildemente, cooperarem na grandeza da Pátria!

— São Paulo, o Estado lider da Federação, possui grande número de escolas onde são ministradas aulas sobre as diversas profissões. Recentemente, o governo da tradicional terra dos bandeirantes, vem estudando planos para ampliar mais ainda a instrução profissional. E, dentro em poucos anos, ve-lo-emos em mais franco progresso.

Santa Catarina, digamos de passagem, também contará desenvolvido o ensino das profissões. S. Excia., o dr. Nerêu Ramos, preclaro governador do nosso Estado, apresentando, em 16 de julho

do corrente ano, à Assembléia Legislativa: sua brilhante Mensagem, referindo-se ao ensino profissional, expressou-se com as confortadoras palavra que transcrevo:

«De ensino profissional só possui o Estado a Escola Profissional Feminina, criada pelo decreto n. 713, de 5 de janeiro de 1935, com os cursos de corte e costura, flôres e chapéus».

E, concluindo, S. Excia. frisa:

«Julgo inadiável a criação de cursos de desenhos e de datilografia e taquigrafia. A existencia do primeiro, sobretudo, é de todo injustificável em escola profissional».

Assim, o ilustre governador barriga-verde, demonstrando, dest'arte, larga visão das nossas necessidades, apelando para a Assembléia no sentido de habilitar o governo com os elementos imprescindíveis à organização do ensino profissional, especialmente o agrícola, dá ao seu povo a esperança de criar essas escolas, com os processos os mais modernos, reservando para a nossa terra dias melhores de melhores venturas.

S. Excia. reconhece a necessidade que há em criar o ensino agrícola. A agricultura precisa ser incentivada porque «a terra é boa, quem disser o contrário, mente!» — no dizer de Dias Velho.

Urge a criação, pois, de escolas profissionais em nosso Estado. Os prefeitos devem levar o assunto à solução, a exemplo do que se vem dando no próspero município de Itajaí, mercê do esforço e patriotismo de sua edilidade, que criou uma escola profissional. Com o funcionamento dessas escolas, Santa Catarina terá lugar de relêvo na Federação Brasileira, o que muito nos orgulhará como barriga-verde, possuidores de tradições gloriosas

A criação de escolas profissionais, faz-se inadiável, como inadiável deve ser todo o sacrificio em prol do progresso da nossa terra e felicidade da nossa gente!

## AVISO

A «Revista de Educação» não tem cobrador, a não ser os srs. inspetores escolares e diretores de grupos que, gentilmente, nos prestam esse favor quando ha ensejo.

Assim sendo, pedimos aos srs. assinantes que ainda não pagaram as suas assinaturas, o obsequio de satisfazerem seu débito, enviando a esta redação, ou aos srs. inspetores escolares, a respectiva importância, para que não haja interrupção na remessa, pois, à vista das despesas a que somos forçados, não podemos remetê-la aos em atraso.

# JOSÉ DE ALENCAR

AGENOR NUNES PIRES

*Pátria! No mar revolto do infinito,  
dos vagalhões ao gigantesco grito,  
de envolta à tempestade que passou,  
ao ribombar fremente das procelas,  
nas mãos — astros de amôr, na frente — estrélas,  
o Titan naufragou!*

*Descança em paz! Depois da tranquilidade,  
da difícil conquista da verdade,  
é justo que descance o que venceu...  
Dorme, gigante ativo da vitória...  
tu vives sempre, — pois não morre a glória!  
tu foste um Briareau!*

*A fronte sonhadora fria pouosa  
do gelado sepulcro sob a lousa  
p'ra das lutas tremendas descansar...  
Mas a Pátria, que em pranto se consome,  
jamais esquecerá, jamais, o nome  
de José de Alencar.*

## Atividades escolares



Alunos da Escola Normal Primária de Blumenau, prontos para uma aula de educação física

# Atividades escolares

156



Escola Normal Primária — Blumenau — Uma aula de educação física

## BRUSQUE

Notas do prof. Hermes Hoffmann

Dos Municípios de Santa Catarina destaca-se o de Brusque, pelo seu desenvolvimento, nas indústrias, produções e comércio. Tudo, neste município se acha representado em larga escala.

**Esboço histórico:** Chegados em Itajaí, embarcaram em canoas, a 28 de julho de 1850, com destino para o interior, seguindo o curso das águas do Itajaí-mirim, 54 emigrantes descendentes de Baden Oldebung e Rheno.

Num plano, situado, segundo o engenheiro Dodt, a 27° 5' e 51" 3.1 h. 12 mil e 48 seg. O. de Grenw.

Formou-se assim em 1850, o primeiro núcleo rio acima, sob a denominação de Núcleo da Colônia Itajaí.

A segunda leva de emigrantes veio em 1851, trazendo também pomeranos, austríacos e suíços.

A emigração italiana foi mais intensa em 1874.

Em 1856, foi, pelo governo, fundada à margem direita do Itajaí-mirim, hoje Aguas Claras, uma «Colônia Imigratória de Ingleses», distante da sede pelos alemães, 4 kmtrs.

Essa «Colônia», a 15 de fevereiro de 1856, recebeu o nome de colônia «Príncipe D. Pedro».

Dos 98 membros que foram escolhidos pela United States And Brasil Steamship Comp., e que compunham a Colônia, nenhum membro se conservou naquele meio.

Muitos voltaram, e, outros abandonaram a Colônia que lhes foi designada, para juntarem-se ao núcleo formado pelos alemães—foi também chamado, o núcleo, de «Colônia de Alemães».

Em 1868, chegaram também algumas famílias francezas que se localizaram no lugar hoje chamado Cedro.

Destes, hoje, sobrevive uma família, de nome Demârche.

Depois de organizado, o Núcleo Colonial recebeu o nome de «São Luiz Gonzaga». Mais tarde, em homenagem ao então presidente da província, Conselheiro Francisco Carlos de Araújo Brusque, foi-lhe dado o nome de «Brusque», que até hoje conserva.

**Membros que compunham as primeiras lévas:** Dos 1<sup>os</sup>. nomes ficaram conhecidos até os nossos dias: Fischer, Kormann, Hoerner,

Batschauer, Erbrecht, Lang, Boos, Schaefer, Werner, Westarb, Wagner, Wippel, Heil, Krieger, Deeke, Marschner, Thieme, Wandrey, Schwerten, Spengler, Ruhm, Joenk, Willrich.

**Limites:** O município, situado no vale do Itajaí-mirim, tem como limites: **ao norte:** Gaspar, Blumenau, Indaial, separados pela serra do Itajaí; **ao noroeste:** Rio do Sul, separado pela encosta da Serra do Mar; **ao oeste:** Bom Retiro, separado pelo contraforte da Serra do Mar; **ao sul:** Nova Trento e Tijucas, separados pela serra das Tijucas e por uma linha divisória que passa pelo Centro do Moura; **ao leste:** Camboriú e Itajaí, separados por uma linha divisória e pelo Ribeirão Brilhante. Ao **noroeste**, limita-se ainda por Itajaí, separado por uma linha divisória.

**Serras, elevações:** Entre as serras do Estado, as que tocam em Brusque, são: Serra do Mar, Itajaí e das Tijucas.

**Elevações:** Morros: do Garrafão, com 540 m., Batêas, com 490 m., Polacos com 430 m., Barracão, com 300 m., Boa Vista, 550 metros.

**Rios e Ribeirões:** O principal rio, que atravessa o município de oeste para leste, com uma inclinação para o sul em sua nascente, é o Rio Itajaí-mirim, que tem por afluente: **à esquerda:** Sta. Cruz, Rio Malongú, D. Luzia, Naufragio, Aguas Cristalinas, Guabiruba (com os afl. Guab. Sul, Norte e Lorena, este último tem ainda, por sua vez, Ponte Alta, Siberia, Pommerstrasse e Alsacia) Rib. Peterstrasse, Schleswig; **à direita:** Tigre, Fartura, Areia, Ouro, Guabiruba, Porto Franco, Aguas Negras, Ponte Grande, Cedro Grande (afl. Mafra, Tomaz Coelho), Aguas Claras, Pommerania, Limeira (afl. Pacas e Tavares) Limoeiro, Brilhante.

**Povoados:** Aguas Claras, Aguas Negras, Azambuja, Batêas, Barracão, Bela-Vista, Cedro Grande, Cedro Pequeno, Endoenças, Gaspar Alto, Grosser Fluss, Guabiruba Baixa, Sul, e, Norte, Hollstein, Lageado Grande e Pequeno, Limeira Alta, Limeira Baixa, Lorena, Nova Italia, Pedras Grandes, Peterstrasse, Planicie Alta, Poco Fundo, Pommerstrasse, Ponte Russa, Porto Franco, Ribeirão do Ouro, Roadgers Rod, Sete de Setembro, Schleswig, Siberia, Moura e Tomaz Coelho.

**Distritos:** Brusque (sede), Porto Franco, Vidal Ramos e Nilo Peçanha.

**População:** 1860, 54 emigrantes; 1861, 406 habitantes; 1864, 938 hab.; 1868, 1517 hab.; 1869, 1673, hab.; 1871, 2100 hab.; 1875, 4568 hab.; 1885, 8694 hab.; 1888, 10.131 hab., etc.

Hoje é estimada em 22.000 habitantes, sendo a cidade com 5.500.

**Denominações:** Pela Lei n. 693, de 31/7/1873, os distritos das Colonias de Itajaí e Príncipe D. Pedro, foram desmembrados de Itajaí e formaram uma nova freguezia, sob o nome de S. Luiz Gonzaga.

Pela Lei n. 920, de 28/3/1881, foi a freguezia elevada à categoria de vila, formando assim um novo município.

Pela Lei n. 16, foi creada a comarca.

Finalmente, pela Lei n. 1123, de 23/9/1916, foi elevada a sede à categoria de cidade.

**Area:** 1621 mk<sup>2</sup>.

**Indústria, lavoura e produção:** Terra boa, força de vontade e resistencia, fizeram com que o município se tornasse em um dos centros mais produtivos do Estado.

**Indústria pastoril:** Manteiga, xarque, banha, queijo, etc.

**Lavoura:** Café, arros, cereais, cana de assucar, mandioca, fumo, feijão, milho, (rama não apresentou resultados satisfatorios), etc.

**Ind. fabril:** Tecidos algodão, brins e madras, filô, mantilhas de sêda, fitas para chapéus, artefatos de tricot, cadarços, cordões de sêda, cortinas, bordados, moveis diversos, malas, pastas, bolas, colchões, acolchoados, couros, massas alimenticias, conservas, cigarrilhos, prod. farmaceuticos, fécula, polvilho, vinagre, vinho, tijolos, telhas, etc.

**Exportação:** Quasi todos os produtos, fóra pequena porcentagem, são exportados, principalmente, pelo porto de Itajaí, que dista 38 kms.

**Ind. extrativa:** Madeiras de lei, pedra calcarea, ouro.

Convem, sob esta rubrica, anotar: já foi projeto, à margem de cálculos, extrair cimento, e outros minérios, pois o município tem grandes depositos de materia prima para a extração: Manganez, Ouro, Cal (para fabricação de cal e cimento — sendo, num exame, na Suissa, classificado, o cimento, como um dos melhores do mundo!), Xisto betuminoso, Quartzoso-rosa, Cristais de rocha, Mica, Prata e até mesmo Carvão de pedra.

**Estabelecimentos:** Prefeitura, 2 Coletorias Federais, 1 Col. Estadual, 1 Agencia Postal-Telegrafica, Grupo Escolar, Paróquia, Igrejas: Católica, Evangélica e Adventista, 3 Redações, 5 Livrarias, 1 Hospital, 1 Seminário, 1 Asilo, 1 Hospício, 13 Clubes ou Sociedades, 11 Alfaiatarias, 1 Casa de armarinho (exclus.), 2 Corr. de Bancos, 1 Banco, 5 Cafés, 1 Casa de Calçados (excl.), 4 Carpintarias, 37 Casas de negócio, 1 Cortume, 3 Gab. dentários, 1 Fábrica de artefatos de couro, 17 Fábricas (diversas), 4 Hoteis e pensões, 1 Laboratório, 8 Marcenarias, 2 Latoeiros, 3 Ferrarias, 1 Of. Mecânica, Modas e costuras: 4, 4 Farmácias, 1 Al. Foto-



gráfico, 2 Fábricas de queijo, 1 Ourivesaria, 2 Selarias, 51 Serrarias, 1 Sorveteria, 5 Torrefações de café, 3 Tipografias, 37 Estab. varejistas.

**Escolas:** Grupo Escolar Feliciano Pires e Escola Normal Primária anexa, Escola Evangélica Alemã (junto á Igreja), Escola Paroquial (dirigida pelas Revmas. Irmãs da Divina Providência), Escola de Agricultura e Comércio, Seminário, além de 22 Escolas Públicas estaduais e 15 municipais.

**Clima:** Salubre.

**Temperatura:** média, 24 c.; máxima, 37,3; mínima, 3°c.

**Altitude:** da cidade, média entre 15 e 50 metros; do leito do rio, 12 metros.

**Etnologia:** Predominam os costumes, entre os habitantes, que foram trazidos lá da velha Pátria; aclimatados, porém, o que se deve à atuação das autoridades, sobressaindo entre os nomes dos primeiros dirigentes: Barão von Schneebeng, Betin Paes Leme, Barão von Kritzling, Benjamin Frankein, Batoja.

**Raça:** Branca. Predomina a raça branca, em toda a sua extensão territorial. Encontram-se, também, alguns elementos Mamelucos.

## Cooperativa Catarinense

Completo sortimento de artigos escolares

Grande redução aos estabelecimentos de ensino e aos srs. professores

Atendemos pedidos de qualquer parte do Estado

Rua João Pinto, 8 -- Florianópolis

# O Estado de Santa Catarina no ano de 1934

## QUADRO SINÓTICO

Organizado por Virgílio Gualberto

Superfície—Kms. <sup>2</sup>	96.652
População	1.127.285
Densidade geral da pop. por Km <sup>2</sup>	11.766
Capital: Florianópolis — Hab.	49.559
Municípios	43
Cidades	17
Vilas	26
Comarcas	32
Distritos	198
Propriedades rurais	147.413
Pecuária—número total	1.812.674
Bovinos	776.615
Equinos	122.254
Ovinos	221.426
Caprinos	21.821
Suínos	621.174
Asininos e muares	49.384
Pescadores matriculados	7.972
Pessoas que vivem da pesca	26.650
Embarcações de pesca	3.748
Tonelagem das embarcações de pesca	437
Estabelecimentos industriais	2.792
Estabelecimentos comerciais	5.229
Fábricas de fiação e tecelagem	21
Teares	922
Fusos	21.827
Usinas de eletricidade	21
Potencia dos motores primários—H. P.	18.775
Localidades dotadas de eletricidade	60
Estradas de ferro em tráfego—Kms.	1.186.207
Estradas de rodagem estaduais—Kms.	12.126
Portos	6
Exportação total (ext. e int.)—Contos	94.867

Madeiras—Contos de réis	12.506
Banha—Ton.	8.342
Tecidos em geral—Contos de réis	11.071
Gado em geral—Cabeças	60.465
Erva-male—Ton.	14.191
Carvão mineral—Ton.	52.226
Laticínios—Ton.	1.727
Arroz—Ton.	10.472
Farinha de trigo—Ton.	3.609
Farinha de mandioca—Ton.	24.794
Assucar—Ton.	6.192
Alfafa—Ton.	7.908
Exportação p/ exterior—££ ouro	362.616
Importação do exterior—££ ouro	197.312
Receita federal arrecadada—Contos de réis	24.292
Receita estadual arrecadada—Contos de réis	18.094
Rec. dos municípios orçadas—Contos de réis	8.273
Divida externa:	
Em ££	69.020
Em dollares	4.704.800
Imigrantes entrados durante o ano	515
Estabelecimentos escolares	1.909
Corpo docente	2.421
Matricula escolar	104.977
Eleitores	88.830
Bibliotécas	28
Total dos volumes	23.063
Estações rádio-difusoras	1
Imprensa periódica	37
Hospitais	35

A infância é um capital que se deve proteger antes de qualquer outro — VITOR MARGUERITTE.

Cada criança que se educa é um homem que se ganha — V. HUGO.

Não se concebe a profissão de educador sem este auxílio poderoso: o amor. — LAFOND.

# Educação física

A. LÚCIO  
Inspetor escolar

(Continuação do número anterior)

## Sessão de jogos n. 2

(CICLO ELEMENTAR — DURAÇÃO: 20 MINUTOS)

*Sessão preparatória 4 minutos*

Evoluções:

Marcha batendo o pé n. 17

Flexionamentos:

de braços—elevação horizontal dos braços (diferentes planos)

Ritmo—8 movimentos por minuto

Repetição—mínimo 5 movimentos, máximo 10.

de pernas—mãos nos quadris, elevação da perna distendida (diferentes planos)

Ritmo—2 movimentos completos por minuto.

Repetição—mínimo 3, máximo 6

de tronco—flexão e extensão do tronco n. 72

Ritmo—6 movimentos por minuto

Repetição—mínimo 6, máximo 12

Caixa torácica—apagar a vela (vamos apagar a vela!) n. 95

*Sessão de JOGOS propriamente dita 14 minutos*

a)—a perseguição aos perneles n. 401

b)—a estátua n. 417

c)—não passarás n. 445

*Volta à calma 2 minutos*

exercícios respiratórios

marcha com canto

exercícios de ordem

## DESCRIÇÃO DOS EXERCÍCIOS DA SESSÃO DE JOGOS N. 2

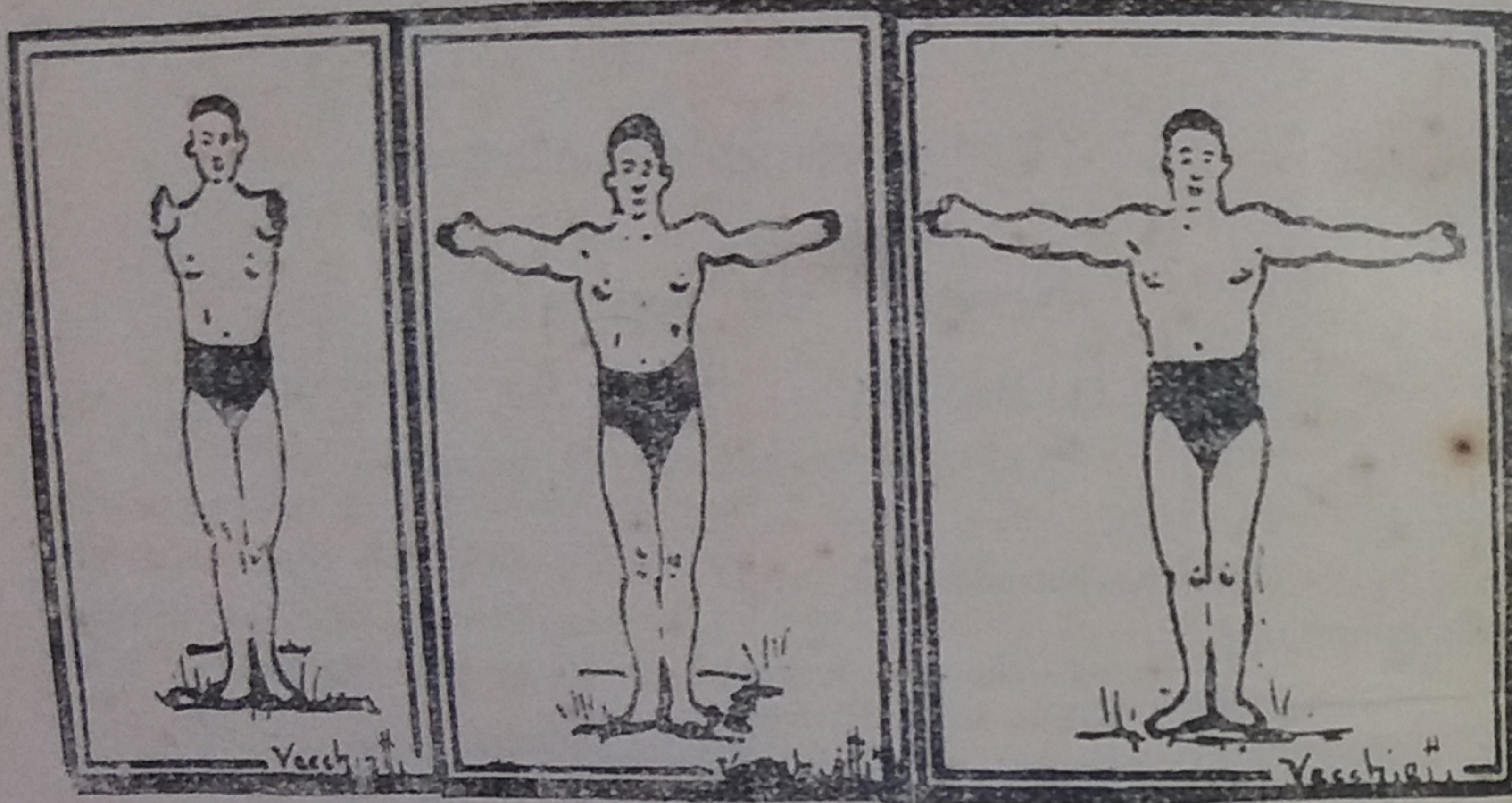
*Deverão ser feitos nas mesmas condições do n. 1*

### Sessão de Jogos n. 2

(CICLO ELEMENTAR — DURAÇÃO: 20 MINUTOS)

Evoluções—marcha batendo com o pé. Os alunos estando em marcha, batem com o pé no solo elevando o joelho e estendendo energeticamente a perna e o pé. A batida pode ser feita com um mesmo pé ou com um e outro, conforme a indicação do instrutor; basta fazê-lo executar de três em três ou de quatro em quatro passos.

Flexionamento de braços—elevação dos braços (diferentes planos).  
 Ritmo—8 movimentos por minuto  
 Repetição—mínimo 5 movimentos, máximo 10.



Descrição do movimento:

Elevar horizontalmente os braços estendidos, sucessivamente, nos planos ântero-posterior, oblíquo e lateral, as mãos sempre no plano de execução. Ao baixar levar os braços para trás e sem parada, executar o movimento no plano seguinte.

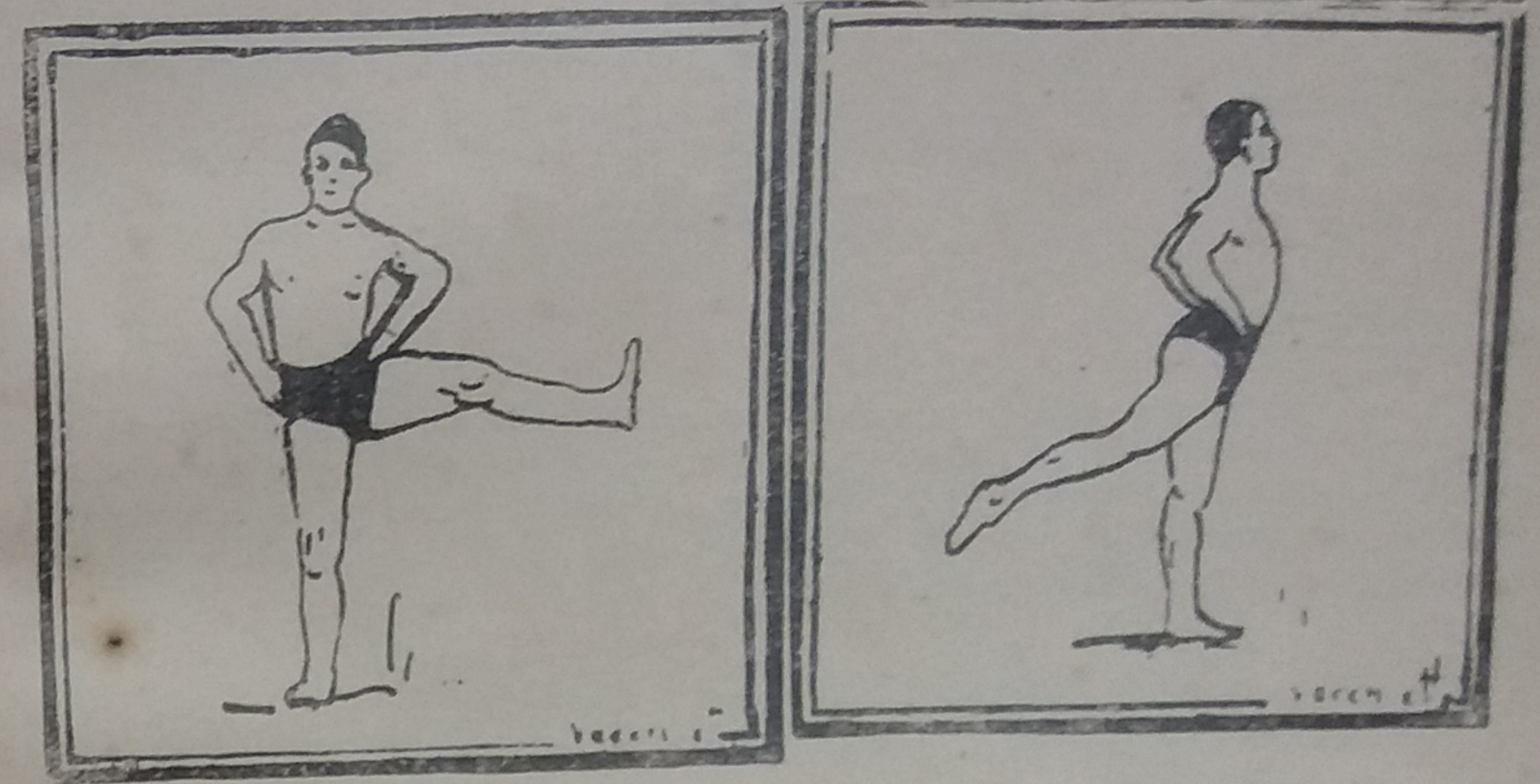
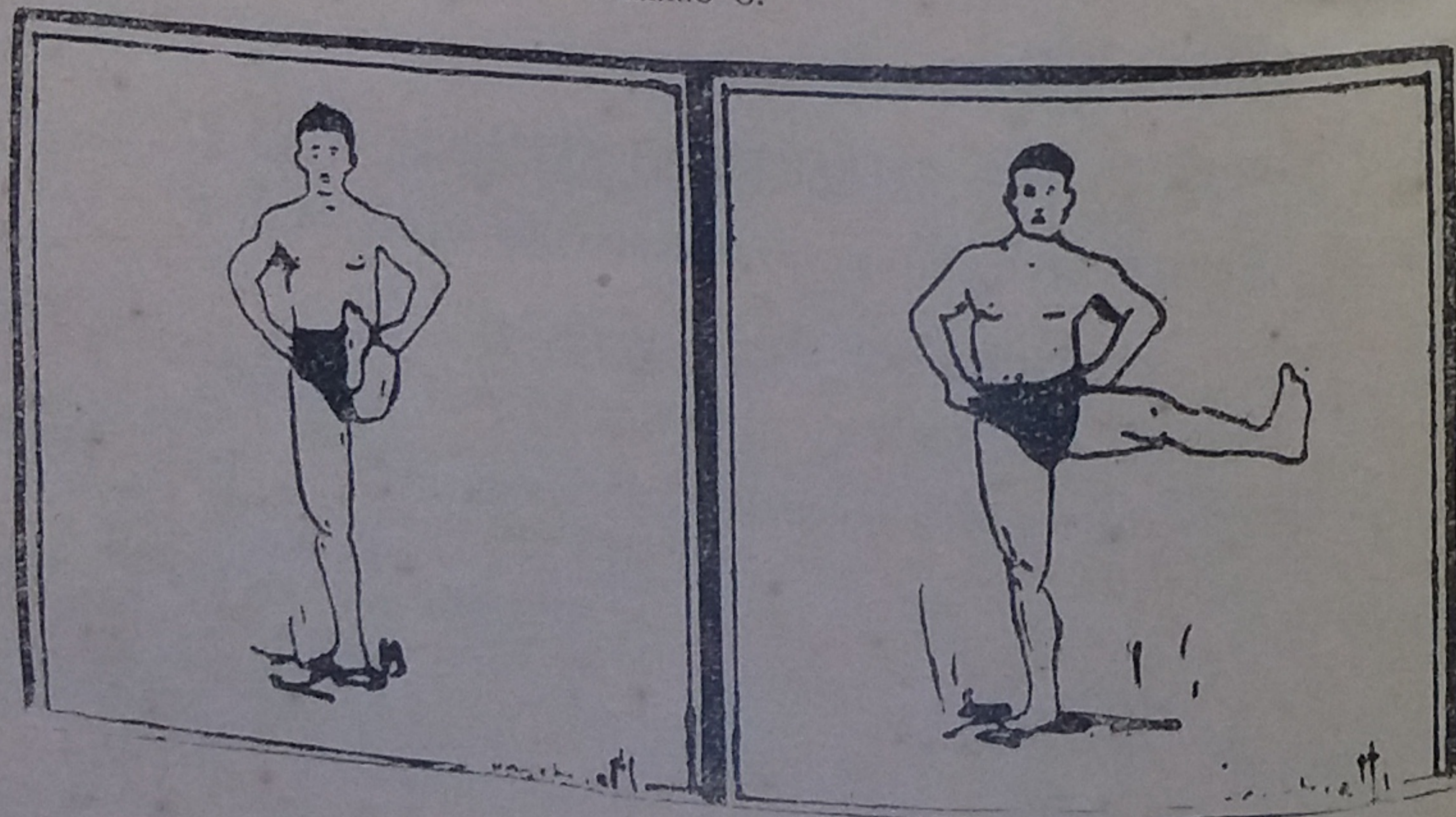
Erros a evitar:

Braços elevados acima da horizontal. Bascular o omoplata, por levar, no fim de cada movimento, os braços demasiadamente para trás, em vez de fixá-los.

*Flexionamento de pernas*

*Mãos nos quadris, elevação da perna distendida (diferentes planos)*

Ritmo: 2 movimentos completos por minuto.  
 Repetição: mínimo 5, máximo 6.



Descrição do movimento:

Elevar a perna distendida para a frente, pé em flexão, abaixá-la e levá-la, pé em extensão, o mais longe possível para trás.

Executar o movimento nos planos oblíquos e lateral, sem para isso repousar o pé no chão.

Erros a evitar:

Não dirigir o abaixamento da perna.

Corpo inclinado para o lado oposto ao da elevação da perna.

Rotação do tronco durante a elevação da perna nos planos oblíquo e lateral.

*Flexão e extensão do tronco*

Ritmo: 6 movimentos por minuto.  
 Repetição: mínimo 6, máximo 12.

*Caixa torácica*

Apagar a vela

As crianças fazem o gesto de quem tem uma vela na mão, com o braço esticado, procuram apagá-la por meio de uma expiração contínua e profunda.

*Sessão de JOGOS propriamente dita — 14 minutos*

A perseguição aos pernetas

O instrutor designa um aluno para servir de gato, o qual deve correr atrás dos demais jogadores e aquele que for preso (tocado) pelo gato será o seu substituto. Os jogadores devem ficar sempre sobre um pé só.

Para melhor facilidade do jogo, o instrutor deve formar pequenos grupos e limitar a zona do terreno para o jogo.

Deslocar-se com os dois pés ou alternadamente com um e outro pé.

A estátua

Estando os jogadores em círculo, em uma fileira (sem intervalos) formação cerrada, um dentre eles, escolhido pelo instrutor, portador de um pequeno objeto, corre em torno do círculo e pausa o objeto atrás de qualquer um dos jogadores. Assim

que este último jogador se apercebe, pega o objeto e procura tocar no seu camarada antes que ele alcance o seu lugar no círculo. Si o primeiro jogador for tocado, ficará sendo a *estátua*; no caso contrário, o segundo continuará em torno do círculo, colocando o objeto atrás de um outro jogador e assim continua o jogo. Quando o jogador fizer uma volta e tornar a pegar o objeto que colocou atrás do seu camarada, sem que este último se tenha apercebido, este ficará sendo a *estátua*.

### Não passarás

As crianças são divididas em dois campos colocadas em duas linhas, uma de frente para a outra. Ao sinal dado pelo instrutor, a primeira fileira procura romper a barreira formada pela segunda, na qual os seus jogadores estenderão os braços lateralmente, separando as pernas e procurando por todos os meios impedir que os seus adversários rompam a fileira assim formada.

*Volta à calma — 2 minutos*

exercícios respiratórios  
marcha com canto  
exercício de ordem.

## AS MAIORES AUTORIDADES PEDAGÓGICAS RECOMENDAM AS EDIÇÕES RIO BRANCO

-- de --

**J. R. DE OLIVEIRA & CIA.**  
RUA S. JOSÉ, 42 — RIO DE JANEIRO

O PROFESSORADO CATARINENSE, ANTES DE ADOTAR QUALQUER OBRA, É CONVIDADO A EXAMINAR AS SEGUINTE:

**SELETA DA INFANCIA** do Prof. Brant Horta

**LÊR E APRENDER** da Prof. Alda D. da Fonseca

**O CAMINHO DA VIDA** da Prof. Alda D. da Fonseca

**CIÊNCIAS SOCIAIS** do Prof. A. Espinheira

Série de 5 volumes para todos os anos do curso primário.

**MATEMÁTICA** do Prof. A. Espinheira

Para o 3º ano primário.

**HISTÓRIA DO BRASIL** do Prof. E. de Abreu Lobo

A aceitação destes livros em todo o Brasil é prova exuberante de suas altas qualidades pedagógicas.

Estas obras são o produto de um esforço patriótico na grande campanha de educação nacional. O melhor livro é aquele em que o aluno aprende mais em menos tempo. As obras acima satisfazem plenamente aos mais exigentes.

Recomendamo-las com muito prazer aos srs. professores.

ENCONTRAM-SE EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS DO ESTADO.

## Semana Pedagógica de Brusque

Relatório apresentado pela professora  
Olga Terêza de C. Ramos Krieger

No dia 26 de outubro de 1936, teve início, nesta cidade, a Semana Educacional. Foi aberta a sessão pelo diretor do Departamento de Educação, sr. Luiz Sanches Bezerra da Trindade, que em breves e eloqüentes palavras explicou a finalidade da instalação da referida Semana Educacional. Agradeceu o comparecimento dos srs. professores e das autoridades locais.

Cumprimentou o Diretor do Departamento de Educação, o sr. dr. Guilherme Renaux, engenheiro.

A Semana Educacional foi realizada pelos srs. professores: Luiz Sanches Bezerra da Trindade, diretor do Departamento de Educação; João dos Santos Areão, inspetor federal, Elpidio Barbosa, sub-diretor técnico do mesmo Departamento; Pedro Paulo Philippe, inspetor escolar e dr. Guilherme Renaux, engenheiro.

Diversas palestras foram realizadas sobre: escola tradicional e escola ativa, organização dos clubes agrícolas, jornal, bibliotecas escolares, caixa escolar, legislação escolar, excursões escolares, aulas globais e ensino religioso.

O professor sr. Luiz S. B. da Trindade, dissertando sobre a escola tradicional, disse que a mesma é falha, porque tem só uma finalidade: «instruir».

Necessitamos de uma escola que dê à criança uma educação integral.

A escola tradicional vicia o aluno a resolver as questões mais difíceis, só com o auxílio do professor, e quando um dia tal aluno se vê longe da escola, forçosamente terá que procurar qualquer pessoa, seja culta ou inculta, de caráter formado ou sem caráter, para lhe dar opinião sobre o mais insignificante assunto. Em criança, ficou viciada a seguir a opinião da pessoa que exerceu maior influência sobre ela: — o professor; em adulta, não se pôde determinar, não tem opinião própria, e quando um dia necessitar a resolver um problema de algo importância, e não tendo ao lado uma pessoa que lhe dê qualquer opinião, está a criança, vilima da escola tradicional, como se fora uma aleijado em que lhe tirando as muletas, não possa mais andar.

Backheuser é de opinião que a escola ativa é a única que pôde dar ao Brasil, uma orientação digna.

Longe de pensar que a escola ativa roube a força moral do professor na sala de aula.

O professor tem de orientar, guiar o aluno. É bem mais difícil e de mais responsabilidade orientar, porque a orientação exige o sacrifício do professor.

A escola tradicional obriga o aluno a estudar. A escola ativa ajuda criança a assimilar.

Adotaremos na escola ativa, métodos, programas e horários facilmente maleáveis, com os quais possam ser atendidas as condições próprias das educandos.

O professor tem obrigação moral.

A escola tradicional, obriga o aluno a ter um disciplina exagerada. Impõe pelo terror, pelo castigo.

A escola ativa impõe a disciplina pela ordem do trabalho. Na escola ativa, a responsabilidade do professor é maior, pois o professor precisa ler, estudar as tendências das crianças, guiando-as, animando-as, estimulando-as.

Na escola que desejamos renovar, queremos a iniciativa da criança, mas a iniciativa não deve haver, ou melhor, partir só da criança, deve partir também do professor.

O centro de atração na escola ativa, deve ser a criança.

O professor deve aguçar a curiosidade da criança, estimulando sua iniciativa.

Para fazer surgir a iniciativa da classe, é necessário acordar, aguçar seu interesse, porque enquanto existe interesse, toda a atenção está presa. É preciso que o professor leve para a sala de aula, motivos de interesses que despertem a curiosidade das crianças.

Um centro de interesse de muita importância e que trás ótimos resultados é a organização de excursões escolares. O professor deve observar os alunos, ser o guia, ampliando as observações.

A criança estando se interessando por uma aula, não é recomendável passar bruscamente para outra, ou melhor, para outra matéria. Precisamos passar de um assunto para outro, sem que a criança perceba.

Relacionar, por exemplo, um município com outro.

Relacionar a produção, exportação, importação. De geografia, sem que a criança note, passar para aula de história, e assim de matéria para matéria, tomando o estudo interessante e agradável.

O professor, nas aulas globais, formará seu plano de aula, o qual poderá servir para uma dia, uma semana, um mês, etc. É recomendável, no princípio organizar planos que sirvam para um só dia de aula. Na escola ativa, a classe poderá trocar idéias sobre assuntos que interessem à sala de aula.

A escola ativa, é a escola vibrante de entusiasmo, é a que convem à geração de hoje e à de amanhã.

# Atividades escolares



Grupo Escolar «Prof. Venceslau Bueno» — Palhoça



O Clube Agrícola do Grupo «José Boiteux» de João Pessoa—S. José em atividade

E o proprio nome já nos incita ao trabalho: Ativa! Nova, Renovada!

O professor deve trabalhar, cooperar com o aluno, ajudando-o a estudar, aprendendo com ele, esquecendo de que é mestre, trabalhando na classe, como si fôra o aluno mais velho, numa atividade sã, produtiva, formando a nossa gente de amanhã, uma gente boa, a qual será o orgulho de nossa terra!

Confeccionar um relatório, descrevendo as impressões colhidas durante a Semana Educativa, seria uma tarefa difficilima imposta a mim. Difficilima, porque depois de ter ouvido as palavras vibrantes e convencedoras do snr. Luiz S. B. da Trindade, as orações entusiasmadas do snr. João dos S. Areão e as palavras calmas e instrulivas do snr. Elpidio Barbosa, sinto-me possuida de uma certeza:—da certeza da verdade sã que pregaram com tanta convicção, com tanto ardôr.

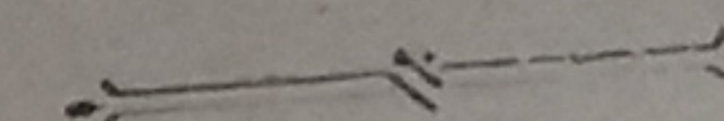
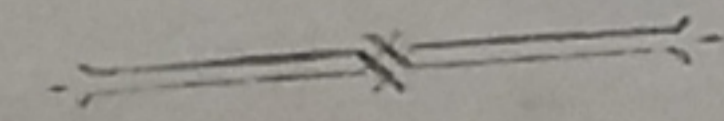
A minha impressão sobre a escola ativa, é a seguinte: A escola ativa é a escola modelar, a escola de que necessitamos para prepararmos homens dignos do Brasil. É a escola de progresso, de cultura, de incitamento ao trabalho...

Antes de encerrada a Semana Pedagógica Educacional, os professores tiveram a agradável oportunidade de ouvir algumas explicações sobre a «Nova Ortografia», dadas pelo ilustre professor da lingua vernâcula, deputado Francisco Barreiros Filho.

A Semana Pedagógica, foi, pois, encerrada com fecho de ouro.  
Brusque, 31 de outubro de 1936.

*Olga Terêsa de Carvalho Ramos Krieger*

Professora do Grupo Escolar «Feliciano Pires».



# O problema do edifício escolar

Antônio Lúcio  
Inspetor escolar

Um dos mais, senão o mais premente problema da instrução pública, mórmente a rural, é o dos edificios escolares.

Pelo menos, 90% de nossas escolas, acham-se instalados em casas inadequadas, sem que satisfaçam quasi que nenhum requisito exigido para tal mistér. São salas com dimensões exiguas que mal comportam 20 alunos, e, no entretanto, vamos encontrar 50 e até mais; ou então faltam claros, caixilhos, pintura; paredes esburacadas com frestas e buracos enormes.

Em regra, quando moradores de uma determinada região pleiteiam uma escola, ao seu lhes perguntar pela casa, respondem que têm, ou arranjam. Criada a escola, começa a odisséa do professor. Apresentam uma salinha imunda. A pior casa da localidade é destinada à escola. Outras vezes acontece que o proprietario da única casa prestavel, impõe condições tais ao profesor e quér ter tal interferencia na parte administrativa e até pedagogica da escola, que é de causar pasmo.

Temos encontrado escolas instaladas até em cozinhas, servindo-se do fogão como carteira.

Não exageramos; o que aí fica dito, é a pura realidade. Ainda a cêrca de dois meses visitamos uma na séde de um distrito bastante populoso e que tinha carteiras numa saleta, num quarto e na cozinha.

A professora, coitada, cheia de bôa vontade, para não perder alunos, até no seu quarto colocou duas carteiras.

Fiquei horrorizado ao presenciar tal coisa numa séde bastante populosa. Entrei em entendimento com os moradores dali; procurei as principais pessôas no sentido de conseguirmos uma casa para onde pudéssemos mudar a escola; cheguei a propôr o pagamento de um aluguel mensal de 150\$000 a quem construisse uma casa para esse fim. Pois bem, demorei-me dois dias nossa localidade trabalhando nesse sentido e nada obtive.

Completo indiferentismo do nosso povo para assuntos que interessam à coletividade.

Apatia, ignorancia, indiferentismo, ou fatalismo, á espera que o Estado faça tudo. Ora, é sabido que nenhum Estado pôde, por si só, resolver tal problema, como em geral a todos os problemas públicos, sem que a iniciativa privada venha em seu auxílio, conjugando esforços num mesmo sentido.

Não é demais que moradores de uma determinada zona, ao pleitearem uma escola, consigam, ou ampliando, ou adaptando, ou

construindo, uma sala com 6m. por 8m. e uns dois ou tres compartimentos para o professor, pois o fato dêste não residir na mesma casa, acarreta males sem conta, quér na parte administrativa, quér na pedagogica.

Em reunião realizada recentemente em S. Paulo, as delegacias regionais do ensino, apelaram para as prefeituras no sentido de applicarem 10% de sua receita na edificação de predios escolares. Parece que tal sugestão foi bem aceita, pois lemos que alguns municipios já puzeram em prática semelhante alvitre.

Enquanto vivemos dentro de uma sala imunda a apregoar às crianças que somos um pais rico e adiantado, pregando um falso patriotismo e um amôr piégas, vivendo na miseria à sombra de uma bandeira simbolo de riquezas sem par, o colono estrangeiro tem a dois km. dali, uma escola instalada no melhor prédio da zona: co-fizam-se e levantam um edificio sóbrio, porém elegante, limpo e confortavel para a escola de seus filhos.

Sou brasileiro! bem brasileiro; nascido no âmago dêste nosso vasto e querido Brasil, mas não podemos e nem devemos ficar a contemplar uma riqueza, desejando a mesma vida dos nossos antepassados, de tanga e tacaque numa choça, enquanto o estrangeiro trabalha, produz e progride ao nosso lado.

Deixemos este mal compreendido patriotismo de, com os pés enterrados na miséria, cantar uma riqueza para a qual nada fizemos no sentido de usufrui-la.

Ensinemos às novas gerações o trabalho, mas demos-lhes o exemplo, seguindo, e si possível, adiantando-se ao elemento alienigena.

Si as municipalidades applicarem 10% de sua receita na edificação de casas escolares, teremos no fim de um decenio solucionado êsse problema.

Sôbre instalar conveniente as nossas escolas, é um patrimonio que as municipalidades constituem. É quér nos parecer que não se poderia dar melhor applicação a uma percentagem do erario público.

Tambem os interessados na criação de escolas isoladas, podem e devem imitar o exemplo do colono instalando condignamente o estabelecimento onde os seus filhos vão se preparar para a vida. As primeiras impressões são as que melhor gravam na mente da criança e exercem decisiva influéncia na sua formação. A criança percebe o todo; é sujeita inconscientemente às influéncias do ambiente em que se expande. O ambiente escolar é o seu mundo de percepção; e nesse ambiente a criança aprende a geografia, calculos, história pátria, educação civica e moral. Ora, assim sendo, dêmos-lhe então um ambiente sadio e condizente a uma educação aliva, proveitosa e util.

Deixemos de palavras ôcas em tórno de uma pregação rica de palavras, mas vasia de realizações.

# Bibliotecas escolares

Plano de vendas a prestações :

Compras no valor de 100\$	20% à vista e	4 prestações de 20\$
» » » » 150\$	» » » »	5 » » 24\$
» » » » 200\$	» » » »	5 » » 32\$
» » » » 250\$	» » » »	5 » » 40\$
» » » » 300\$	» » » »	6 » » 40\$
» » » » 350\$	» » » »	7 » » 40\$
» » » » 400\$	» » » »	8 » » 40\$
» » » » 450\$	» » » »	9 » » 40\$
» » » » 500\$	» » » »	10 » » 40\$

Fichas de modelo «Stand» a preços do custo tipográfico, conforme tabela abaixo :

Modelo n. 1	cento	1\$500
» » 2	»	3\$600
» » 3	»	3\$000
» » 4	»	3\$000
» » 5	»	3\$000

Fornecemos catálogos e instruções para sua organização

**Companhia Editora Nacional**  
 Rua dos Gusmões, 118  
**SÃO PAULO**

# Atividades escolares



Clube Agrícola de Curitiba - Biblioteca - O prof. Hellenberg e seus alunos preparam o livro



# Governo do Estado

Lei n. 73, de 24 de agosto de 1936

Estabelece a forma por que se aposentam os funcionários estaduais e municipais.

O Doutor Nerêu Ramos, Governador do Estado de Santa Catarina.

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º — Enquanto não fôr votado o Estatuto dos Funcionários Estaduais e Municipais, a aposentadoria ou a reforma desses funcionários obedecerá às seguintes normas:

a) — O que se invalidar em consequência de acidente ocorrido no serviço, que o inhabilite para o exercício do cargo, perceberá vencimentos integrais, seja qual fôr o tempo de serviço;

b) — o que fôr acometido de moléstia contagiôsa incurável, desde que adquirida em serviço, e que inhabilite para o exercício do cargo, perceberá, também, vencimentos integrais, seja qual fôr o tempo de serviço;

c) — o que atingir 68 anos de idade, perceberá vencimentos proporcionais ao tempo de serviço, se neste contar até 25 anos, limite até onde deve ir essa proporcionalidade, e os perceberá integralmente se contar mais do que esse tempo, excluídas as gratificações adicionais que, sómente, deverão ser contadas se o funcionário contar mais de trinta anos de serviço;

d) — nos demais casos a aposentadoria será concedida com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço, desde que verificada a invalidês absoluta e permanente de funcionário que a requerer.

Art. 2º — Ressalvado o disposto no n. 12 do art. 149, da Constituição Estadual, nas inspeções médicas para os fins de aposentadorias, só poderá ser declarada a invalidês, quando a moléstia ou a lesão fôr de natureza e sêde tais que torne o funcionário absoluta e permanentemente incapaz para o serviço, e não sanada dentro do prazo que a lei concede para licenciamento.

Art. 3º — A aposentadoria só será concedida se a invalidês fôr constatada em duas inspeções de saúde, feitas com intervalo de seis (6) meses, por duas (2) juntas médicas diferentes, constituída

cada uma por dois (2) médicos, de preferência funcionários do Estado ou do Município, designados pelo Diretor de Higiene do Estado e sob a presidência deste, na Capital, e da do Delegado de Higiene nos Municípios

§ 1º — O funcionário que, na 1ª inspeção de saúde, fôr julgado incapaz para o serviço, passará, desde logo, à inatividade temporária e perceberá o ordenado do cargo, voltando ao exercício deste, se na 2ª inspeção não fôr julgado com direito à aposentadoria, sendo o período da inatividade temporária, para todos os efeitos, considerado como licenciado para tratamento de saúde;

§ 2º — considerado incapaz na 2ª inspeção, o funcionário passará, desde logo, à inatividade permanente, percebendo, daí por diante, os proventos que lhe couberem e mais os que deixou de receber durante a inatividade temporária, se a isso tiver direito.

Art. 4º — Ficam estabelecidos os honorários de vinte mil réis (20\$000) pagos pela parte interessada a cada um dos médicos convidados para constituírem a junta médica.

§ único — O pagamento deverá anteceder ao ato de inspeção e será feito mediante recibo dos médicos convidados, na Diretoria de Higiene do Estado, ou perante o Delegado de Higiene, no interior, conforme o caso.

Art. 5º — Os que servem, mediante contrato escrito, à administração pública, ficam, depois de dez anos de serviço, equiparados aos que possuem título de nomeação, para os efeitos da presente lei.

Art. 6º — Ninguém será empossado em cargo público, sem que antes prove, por atestado expedido, na Capital do Estado, pela Diretoria de Higiene e, no interior, pelos seus Delegados, que não sofre de moléstia contagiosa incurável nem tem defeito físico que o incompatibilize para o exercício do cargo.

Art. 7º — Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário do Interior e Justiça assim a faça executar.

Palacio do Governo, em Florianópolis, 24 de agosto de 1936.

NERÉU RAMOS

Manoel Pedro Silveira

Celso Fausto de Souza

Ivo d'Aquino

Claribalte Galvão

Publicada a presente Lei na Secretaria do Interior e Justiça, aos vinte e quatro dias do mês de agosto de mil novecentos e trinta e seis.

Gustavo Neves  
Diretor

## METODOLOGIA DA LEITURA E DA ESCRITA

(Continuação do número anterior)

A nova reforma modifica o método de Jacotot em seus fundamentos porque:

1º se renunciava a oração como princípio; 2º as palavras geradoras não apresentavam dificuldades para a sistematização, para a gradação e para a intuição das idéas; 3º se simplificavam com isso o mecanismo técnico do método analítico.

NOTA: Os americanos do norte recolheram experiências feitas na Alemanha como método de sentenças e continuaram-nas com melhor êxito até conseguirem livrá-lo das suas últimas deficiências.

Os resultados obtidos por eles de novo despertaram o entusiasmo dos partidários do método de sentenças, e atualmente se nota grande movimento a seu favor em vários países adiantados. A nossa vizinha a República Argentina adotou há poucos anos, e lá ele tem dado os melhores resultados.

A indefesa educacionista dra. Ernestina Lopes Nelson tem obtido com ele brilhante êxito.

### PONTO IV

### MÉTODO DE PALAVRAS

O método de palavras tem diversos nomes: 1º) método natural; 2º) método de palavras normais; 3º) método de palavras geradoras; 4º) método analítico-sintético; 5º) método eclético, etc.

Nos primeiros tempos de seu aparecimento, o método de palavras foi analítico e mais tarde se tornou analítico-sintético. Era analítico quando se applicava somente para decompôr as palavras em seus elementos constitutivos (silaba e letras). Assim o applicavam Krämer, Herold e o próprio Vogel.

Mais tarde, a operação analítica foi completada com outra sintética, que consistia em reunir gradualmente os elementos simples da palavra depois de haverem sido estudadas separadamente.

A esta última forma do método se lhe applicou a denominação de eclética.

A expressão palavras geradoras ou normais significa que cada palavra ensinada será geratriz e da que se vai ensinar. A saber: os elementos constitutivos de uma entram na formação da outra. Exemplo: Té, tela, telagarça: ca, cabo; pá, palerma; etc.

A aplicação do método ecletico de palavras geradoras, requer, certos exercícios preparatórios de intuição, linguagem e debuxos antes de principiar o ensino simultâneo da escrita e da leitura.

Os exercícios de intuição fazem-se combinados com os exercícios de linguagem.

Consiste o exercício de intuição em conversações simples entre o professor e o discípulo acerca de coisas e fatos elementares.

O seu objetivo imediato é: 1º) vencer a timidês do aluno, familiarizando-o com o mestre; 2º) corrigir os vícios de pronunção dos aprendizes, melhorando o seu vocabulário; 3º) afirmar e esclarecer as idéas que uns discipulos tinham dos objéto que os rodeam ampliando constantemente o círculo dos seus conhecimentos.

Consistem os exercícios de debuxos em uma sêrie de linhas traçadas nos quadros negros ou cadernos afim de formar a destreza muscular da mão, antes de começar a escrita propriamente dita.

Os exercícios de debuxos devem ser melódicos e graduados.

1º) linhas verticais de cima para baixo e de baixo para cima;  
2º) linhas horizontais da esquerda para a direita e da direita para a esquerda;

3º) linhas obliquas em diferentes direções;

4º) linhas quebradas;

5º) linhas curvas e linhas combinadas.

## PONTO X

### APLICAÇÃO DO MÉTODO

A aplicação do método ecletico de palavras geradoras reside em 3 operações fundamentais:

1ª. a síntese;

2ª. a análise;

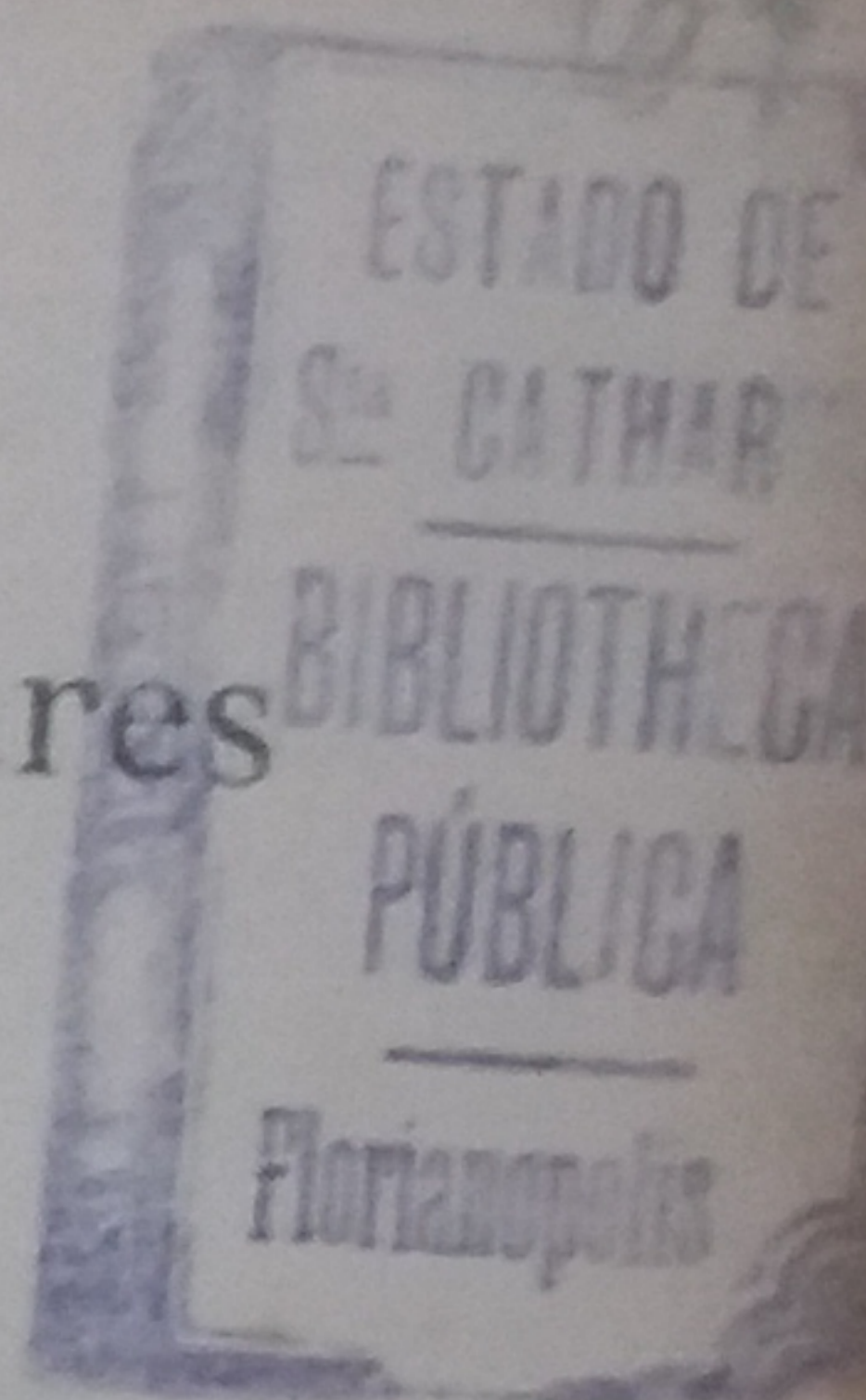
3ª. a síntese de novo.

1ª.— Síntese é o todo, é o conjunto de uma coisa. Nesse caso, síntese significa: percepção do conjunto do objéto cujo nome se quer ensinar e percepção de seu sinal (palavra) escrito.

Esta operação antecede as outras duas e abrange o seguinte: 1º) a observação do conjunto do objéto; 2º) a observação de sua representação (ilustração plástica, ou gráfica); 3º) representação escrita de seu nome (sinal); 4º) cópia da palavra.

2ª.— Análise gradual da palavra na seguinte ordem: 1ª) separação das partes, primeiramente oral (sons), de suas escritas (silabas); 2ª) separação das letras.

## Atividades escolares



O Clube Agrícola de Garcia-Blumenau — em plena atividade

3ª.—Síntese gradual dos elementos constitutivos da palavra: 1ª) reunião das letras que compõem a 1ª sílaba; 2ª) reunião das letras que compõem a 2ª sílaba; 3ª) reunião das letras que compõem a 3ª sílaba e assim por diante; 4ª) reunião das sílabas.

A sucessão e o desenvolvimento dos diversos passos que abrangem cada uma dessas tres operações fundamentais, vê-los-emos adiante no tópico que trata dos processos.

## PONTO XI

### PROCESSOS DE LEITURA

Os processos de que se vale o mestre para aplicar um método de leitura inicial são vários.

Os dois métodos principais são: o método analítico e o método eclético.

Os processos do método eclético de palavras geradoras são os mais numerosos.

Segundo a ordem do desenvolvimento de uma lição, podem os processos ser classificados em sintéticos, analíticos e analítico-sintéticos.

Os processos sintéticos mais importantes são os seguintes:

1º—apresentação das ilustrações. O professor apresenta aos alunos vários objetos conhecidos; logo em seguida exige que os alunos deem os nomes desses objetos, e chama-lhes a atenção, de modo especial, para o objeto cujo nome (palavra) se quer ensinar.

Depois, separa esse objeto figurado na ilustração, das demais ilustrações e faz grande número de exercícios intuitivos e de linguagem, até que os alunos conheçam as qualidades principais e possam pronunciar com exação o seu nome.

2º—o segundo passo é a repetição do primeiro, porém, em forma concreta.

O professor mostra aos aprendizes a representação plástica, se isto for possível, em seguida lhes apresenta a representação gráfica (estampa), desenhos ou debuxos feitos em quadro-negro).

3º—uma vez que os alunos tenham o conhecimento do objeto e saibam bem pronunciar o seu nome proceder-se-á a representação da palavra geradora, atraindo a atenção dos alunos para o conjunto (forma) e para cada uma de suas partes.

A respeito desse terceiro passo, não concordam entre si as opiniões dos pedagogos, pois alguns aconselham que a palavra escrita no quadro negro deve ser feita com letras de imprensa; outros preferem as letras manuscritas; muitos empregam umas e outras simultaneamente.

Por experiência muitos pedagogos têm verificado que é mais vantajoso no principio empregar as letras manuscritas maiúsculas, verticais, e isto porque:

1º—são mais simples do que as letras de imprensa e são mais fáceis de imitar;

2º—servem de exercícos preparatórios para o ensino da escrita propriamente dita;

3º—facilita o aprendizado da leitura, pois, a forma da palavra não varia tanto como se fossem empregadas as duas classes de letras ao mesmo tempo;

4º— a análise e a síntese das partes da palavra efetuam-se com maior facilidade.

Devem ser continuados os exercícos com as letras manuscritas minúsculas verticais até que as crianças hajam bem aprendido o alfabeto minúsculo e possam distinguir e lêr as letras e as suas combinações sem qualquer palavra.

Só depois disso é que se deverão introduzir as letras maiúsculas. Primeiramente devem ser empregadas as maiúsculas que são mais parecidas com as minúsculas; e em segundo lugar, apresentam-se as maiúsculas menos parecidas com estas.

Quando os meninos puderem escrever e lêr bem as duas classes de letras manuscritas, maiúsculas e minúsculas, será então o momento oportuno para introduzir no ensino simultâneo a escrita das letras impressas.

Isso não se deve fazer, absolutamente antes daquele conhecimento.

Assim que forem introduzidos os caracteres de imprensa, o professor escreverá no quadro-negro a palavra geradora com ambas as classes de sinais: em caracteres manuscritos, em baixo, em caracteres da imprensa.

Este mesmo processo deve ser adotado nos cartões, nas ilustrações e nos livros de leitura.

Os alunos imitarão, em seus cadernos ou em pedras de escrever, só as palavras manuscritas.

5º — Observadas a forma e as particularidades da palavra escrita, o professor deverá fazer no quadro-negro varias palavras e depois exigir que o aluno as busque nos cartões ilustrados e se fôr possível no livro.

Uma vez achadas as formas da palavra escrita, o aluno deve lê-las repetidas vezes afim de lhes gravar no espirito a representação (forma) das palavras e os seus sons.

6º — exercícos de cópia em debuxo. Adquirido o conhecimento do conjunto (forma e som) os alunos desenharão ou debuxarão a palavra em seus cadernos ou lousas, imitando o modelo dado pelo professor.

Com esse passo termina a série dos processos sintéticos.

Vejamos agora os processos analíticos.

Êstes processos são menos complicados que os intuitivos sintéticos. Aplicam-se logo depois de haver o mestre escrito palavras e haverem os alunos imitado o modelo.

Distingue-se nos processos analíticos, cinco passos sucessivos:

1º passo — Decomposição da palavra em sons ou sílabas.

O professor separa em 1º lugar verbalmente as sílabas, acompanhando cada emissão de voz com o gesto de mão ou com o toque de campainha ou uma pancada com um varinha etc., isto é, muito bom concretizar o exercíco.

2º passo: — Pronúnciação das sílabas pelos alunos individual e simultaneamente.

3º passo: — Escrita das sílabas no quadro-negro, feita pelo mesmo e leitura das mesmas pelos alunos. Êstes exercícos para o conhecimento das sílabas devem ser variados e o mestre escrever sempre sílabas desconhecidas ao lado das conhecidas.

4º passo: — Escrita das sílabas pelos proprios alunos.

5º passo: — Decomposição das sílabas em letras. O mestre separará uma por uma as letras escritas de cada som, depois dará o nome de cada uma delas, e em seguida fará o aluno repetir como foi dito pelo mestre.

Depois disso fá-los-á escrever no quadro-negro ou cadernos as letras decompostas.

Há pedagogos que preferem não chegar com a análise até os elementos simples (letras) receando que se produza confusão no espirito das crianças, ao notar a diferença existente entre os nomes das letras e os sons que representam.

Não obstante tal confusão no espirito da criança se produz, embora não se use a soletração, se a atenção da criança não fôr chamada para a diferença que existe entre o som e o nome do seu sinal grafico.

Finalmente vejamos os processos analíticos-sintéticos.

Êstes processos constítuem a parte final de uma classe de leitura.

Terminada a análise da palavra geradora procede-se à recomposição de suas partes sintetizando-as até chegar novamente ao todo.

É um erro dar-se por terminada a aula de leitura à classe, com a decomposição das sílabas em letras, como obrigam os métodos analíticos puros, pois que se quer ensinar aos meninos e a leitura de palavras e não de letras.

É preciso então voltar à reconstrução a palavra (o todo) com os mesmos sinais ou elementos (partes) proporcionados pela análise. Esta operação é muito mais fácil que as operações dos processos anteriores, porque se trata de elementos conhecidos pelos meninos.

É a seguinte a ordem sucessiva dos processos analítico-sintéticos:

- 1º—recomposição da primeira sílaba, sem deletrear (exercícios de escrita e leitura);
- 2º—recomposição da 2ª sílaba;
- 3º—recomposição da terceira sílaba e depois a quarta e assim por diante;
- 5º—recomposição da palavra;
- 6º—escrita novamente da mesma palavra, primeiro pelo mestre e em seguida pelos alunos;
- 7º—formação das novas palavras com sílabas aprendidas;
- 8º—recapitulação do que se leu em aula.

## PONTO XII

Vários meses dura o ensino simultâneo da leitura e da escrita iniciais.

Não convém separar o estudo dessa matéria antes dos alunos poderem escrever e ler bom número de palavras; antes deles conhecerem todas as letras do alfabeto; e antes deles poderem formar e ler orações simples.

A série de palavras geradoras não deve ser muito longa nem muito curta, porque sendo muito longa requer muito tempo; e sendo muito curta, não abrange todos os elementos fonéticos (sílabas) indispensáveis.

A série arranjada por Herold só abrange 17 palavras; a de Vogel 98, a de Framke 31; e a de Plate 100.

Vencida as dificuldades mecânicas da leitura, o mestre iniciará os exercícios de leitura corrente.

Então pôde prescindir-se da análise e da síntese escrita, assim como se pôde prescindir dos exercícios em cartões, afim de que todo o cuidado seja posto na pronúncia das palavras impressas e na reunião dos sons.

Nessa altura do ensino, deve reparar-se a escrita da leitura, menos em certos exercícios de ortografia e de reprecensão das palavras.

## Atividades escolares

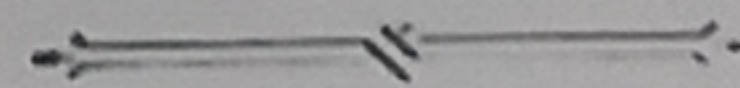


O Clube Agrícola de Garcia — Blumenau — em franca atividade

# Atividades escolares



Alunos do Grupo Escolar «Conselheiro Mafra» — Joinville, elegendo a diretoria da biblioteca «Professora Rute Lobo»



Escola estadual de Morro da Fumaça — Jaguaruna

Nessa ocasião haverá chegado o momento de adotar, para o ensino sistemático da escrita, cadernos especiais, e para a leitura o livro de leitura corrente.

A perfeição dessas duas matérias forma a arte de caligrafia e da leitura expressiva ou artística.

### PONTO XIII

## LEITURA CORRENTE

Consiste a leitura corrente em pronunciar com exatidão, clareza, rapidez e justa enfoação as palavras reunidas em frases simples.

Deve ser gradua a marcha do ensino da leitura corrente.

As primeiras lições constarão de sentenças breves, formadas exclusivamente com as palavras conhecidas pelos alunos.

As orações de uma mesma lição não serão separadas, mas relacionadas entre si.

O conteúdo de cada uma pôde ser distinto, mas as palavras serão as mesmas, variando sómente a ordem de sua colocação.

Suponhamos que uma lição contenha a seguinte serie de sentenças:

*A menina brinca com a boneca. A boneca da menina é linda. A menina também é linda. Vamos brincar com a linda boneca da menina.*

Na metodização dessa aula, o mestre deverá ter diante da vista o seguinte:

1º—se todas as palavras são conhecidas pelos alunos, quanto a sua forma, quanto sua prosodia e quanto a sua significação;

2º.—se todos os alunos compreendem o sentido das orações, quanto a ordem em que estão e quanto a combinação ou troca das mesmas.

Tendo em vista estas prescrições o professor ordenará os exercícios de ensino em ordem a não terem os alunos que vencer se não uma só dificuldade por cada vez.

Pôde servir como orientação geral a seguinte ordem dos diversos passos de uma aula:

1º —leitura pelo professor de cada uma das palavras que formam a primeira sentença;

2º.—observação é pronúnciação da mesma palavra pelos alunos; primeiramente por cada aluno de per si e em seguida por todos ao mesmo tempo;



3º.—leitura de uma só vez da oração pelo professor;

4º.—leitura de uma só vez, da sentença inteira pelos alunos;

5º.—repartição dos mesmos exercícios com cada uma das demais orações;

6º.—leitura corrente de toda a lição, primeiro pelo professor, depois pelos discípulos;

7º.—leitura das orações mudando-se a ordem em que estão.

Nas lições subsequentes, as palavras e as orações devem ser reguladas em ordem a formar um parágrafo.

Os primeiros parágrafos serão relativamente curtos e à medida que a lição adianta, serão substituídos por outros mais longos até se chegar a leitura de páginas inteiras.

O tamanho das letras devem ir diminuindo a pouco e pouco, afim de que a vista dos alunos se habitue com os caracteres comuns da imprensa.

As palavras novas que forem aparecendo no quadro negro, no transcurso de cada, deverão ser escritas em bastardinho, assim como as palavras novas impressas no livro de leitura corrente.

O mestre principiará a aula explicando em primeiro lugar as palavras desconhecidas pela classe, e segundo lugar ensinará a lê-las, na mesma forma, sem que use dos mesmos processos da serie anterior.

#### PONTO XIV

### EXERCICIO DE APERFEIÇOAMENTO

Os exercicios de aperfeiçoamento da leitura corrente serão iniciados no 1º grau superior, logo que os alunos estejam em condições de ler páginas inteiras e continuarão até o quarto grau.

Esses exercicios devem ser graduados e variados. Afim de facilitar o ensino e de evitar o tédio.

Os exercicios de aperfeiçoamento são muitos numerosos.

Ha alguns que enumeram mais de 30 classes distintas.

O pedagogo Torrens reduziu-as a 16 e o pedagogista Bassi ainda mais os reduziu.

E' indubitavel que o êxito deste ensino depende mais da seleção e gradação dos processos do que de sua quantidade.

Os mais importantes são os seguintes:

1º.—leitura corrente pelo professor;

2º.—leitura simultânea por todos os alunos ou por grupos de alunos;

3º.—leitura de frases por cada aluno de per si, seguindo a ordem em que estão impressas;

4º.—fazer o mesmo exercicio com as palavras insuladas;

5º.—dar o professor um modelo e exigir que o aluno o imite;

6º.—fazer lêr a varios alunos um mesmo trecho e depois indicar quem o leu melhor;

7º.—exercícios variados, para que os alunos dêem a devida entonação.

#### PONTO XV

### VÍCIOS DA LEITURA CORRENTE

Os vícios mais frequentes que se observam na leitura corrente são os de articulação, os de pronunçiação e os de pontuação.

Chamam-se vícios de *articulação* a emissão defeituosa de certos sons.

Os mais comuns são quatro:

1º—*cicio*, que consiste em pronunciar com sibilo as sílabas *ce*, *ci*, *ze*, *zi*;

2º—o *sigmalismo*, que consiste tambem no modo de pronunciar com sibilo, convertendo o *s* em *z*;

3º—a *tartamodiação* que consiste em repetir duas ou mais vezes uma mesma sílaba, antes de pronunciar a seguinte:

4º—a *gagueira* que disfigura a articulação de todas as consoantes por defeito da língua.

Estes são os principais defeitos ou vícios de articulação, mas ha outros como *xixismo*, que consiste em pronunciar com o som de *x*, o *s* final.

A maior parte dos vícios de articulação provem de má conformação organica, e quasi todos são hereditarios.

Entretanto, todos esses vícios são remediaveis e curaveis; e quando não se possam corrigir de todo pelo menos é possível, atenuá-los por meio de constantes exercicios adequados.

Os vícios de pronunçiação consistem em exprimir defeituosamente as palavras inteiras ou alguns dos seus sons.

Os mais frequentes vícios de pronunçiação são 3:

1º—a *hiperfonia*, que consiste em pronunciar as palavras com excesso em voz, isto é, em tom mais elevado do que o natural;

2º—a *afonia*, que é a insuficiencia da voz;

3º—a *parafonia* que é o uso improprio da voz atenuando-se todos esses vícios, e muitas vezes podem corrigir-se por meio de exercícios combinados de respiração e de articulação.

Os vícios de *pontuação*, consistem na suspensão indevida da voz na leitura.

Ha 3 casos mais frequentes de má pontuação:

1º—o leitor pontúa inoportunamente isto é, fez pausa na leitura quando não deve fazê-la;

2º—o leitor não pontúa; a saber, passa por sôbre as virgulas e até sôbre os pontos e virgulas como si êles não existissem;

3º—o leitor dá às pausas uma duração que correspondem a elas, ora suspendendo a voz por mais tempo do que deve diante de uma virgula, ora suspendendo-a por menos tempo do que deve diante de um ponto e virgula ou de um ponto.

Para corrigir êsses vícios ensina-se aos alunos praticamente por meio de exercicios apropriados o modo de se fazer a pausa ante cada sinal da pontuação.

Para êsse efeito, o professor exigirá que os alunos contem primeiro verbalmente, depois mentalmente, 1 para virgula, 1, 2 para o ponto e 1, 2, 3 para os pontos não finais, 1, 2, 3, 4, para os pontos finais e nos paragrafos exigirá que êles contem de 1 a 5 ou de 1 até 10, confôrme o trecho lido e o trecho que se vai lêr.

## PONTO XVI

### LEITURA EXPRESSIVA

Na arte de exprimir naturalmente as idéas e os sentimentos dum trecho impresso com manuscrito, deve-se ler em consideração o tom da voz, acima de tudo.

A leitura expressiva é justamente a arte de expressar com toda a naturalidade essas idéas e esses sentimentos.

O ensino da leitura expressiva requer o exercicio melódico e constante de tres qualidades do leitor:

1º.—o tom da voz;

2º.—os gestos;

3º.—a entoação.

O cultivo da voz abrange o seguinte:

1º.—a pronunciação;

2º.—a modulação. A pronunciação refere-se a variação dos tons.

A pronunciação, como elemento da leitura expressiva deve ser pura clara e fluida.

A pureza da pronunciação consiste em dar a cada sinal o seu verdadeiro som.

A clareza da pronunciação consiste em graduar bem o periodo. A fluidez da pronunciação consiste em emitir os sons com facilidade correntemente, sem vacilação.

A modulação abrange:

1º.—a entoação;

2º.—a enfase;

3º.—a acentuação.

A entoação consiste em dar à leitura o seu tom particular, que pode ser simples, nos assuntos alegres ou festivos; familiar, nas descrições ou narrações; veemente nas polemicas, disputas e exhortações; esforçado e agudo, nas repreensões, graves nos conselhos, suave submisso nos pedidos e solicitações, desenfadado nas refutações, etc.

A enfase é a afetação na expressão. Pode haver do tom da voz e afetação do gesto.

A enfase é o principal recurso do leitor artista, do declamador, que quer produzir no espirito do auditorio comoções intensas.

Acento é a maior intensidade com que se profere determinada silaba ao pronunciar uma palavra.

Quando o acento está na última silaba a palavra chama-se aguda ou oxitona; quando está na penultima chama-se dactilica proparoxitonia ou esdruxula.

Assim o uso da enfase como a justa entoação e a perfeita acentuação devem ser ensinados praticamente por meio de exemplos e modelos adequados e não com regras teoricas.

Em segundo lugar, os gestos e os ademanes, que são movimentos naturais do rosto e dos membros que acompanham a expressão moral dando vigor e precisão aos pensamentos e aos sentimentos.

Para que os gestos e os ademanes produzam o efeito desejado, é preciso fazê-los com graça e naturalidade.

O melhor metodo para os adquirir e cultivar é o de observar e evitar constantemente os modelos irrepreensiveis neste particular.

Em terceiro lugar são exigidos para a leitura expressiva as posições e posturas adotadas durante a leitura.

Essas posições e atitudes variam segundo o leitor está sentado ou em pé.

Nas reuniões do caracter intimo, em familia ou na escola, deve-se ler sentado; e nos lugares públicos, de pé.

A postura do leitor sentado deve ser a seguinte: o corpo manter-se-á erguido, as plantas dos pés descansarão no sólo, e não com as pernas cruzadas, a cabeça direita, o livro sobre a mesa ou sobre a carteira, as mãos em posição natural.

Deve-se ter muito cuidado em não ler com as pernas cruzadas, nem consentir que os alunos o façam e não acionar com as mãos; em não pôr os cotovelos sobre a mesa; em não ter a cabeça apoiada sobre a mão; em não se mover exageradamente; em não ter o corpo voltado contra a mesa e sim em frente a ela; em não encostar a cabeça sobre o respaldo da cadeira; etc.

A posição do leitor em pé deve ser a seguinte:—o salto do calçado deve estar junto do outro, quasi unidos, as pontas dos pés um pouco separadas, devendo-se ter em consideração que é preciso evitar o cansaço.

O corpo e a cabeça deverão manter-se eretos; o peito, saliente e os ombros, sem esforço não encolhidos, a mão esquerda deverá sustentar o livro ou papel, tendo em cima destes os dedos polegar e índice para separar as folhas, e debaixo os outros três dedos.

## PONTO XVII

### MÊCANISMO DA AULA

Toda a leitura expressiva deve ser na forma expositiva-interrogativa, e abrangerá os seguintes passos:

1º.—apresentação do assunto.

Póde fazer-se a apresentação do assunto de três modos distintos:

- a) lendo o mestre, antes do aluno, o trecho escolhido;
- b) recitando-o;
- c) relatando simplesmente.

Este último processo seria preferível no caso em que o mestre possuía melhores aptidões estilísticas do que o autor do trecho; mas como isso ocorre *muy* rara vez, não póde ser um processo applicavel em todas as circunstancias.

Em troca, os outros dois são mais seguros e menos arriscados, e por isso devem ser preferidos, com tanto que sejam applicados alternativamente conforme a natureza da leitura.

Deve-se advertir que a recitação requer aptidões expressivas especial, ao mesmo tempo que memoria fiel.

O mestre que não possua essas qualidades deve preferir sempre a apresentação do assunto lendo-o antes, e não recita-lo.

A leitura deve ser irrepreensivel no que se refere á modulação, fluidez, gestos, ademanes e modos.

Não se deve esquecer que as crianças são *nimiamente* imitadoras e não se lhes deve escapar nada no modelo dado pelo mestre.

2º.—Explicação do assunto.

Tem cabimento a explicação do assunto logo que termine a leitura do trecho feito pelo mestre.

O seu fim immediato é familiarizar os alunos com o assunto, procurando penetrar bem o sentimento e o pensamento do autor, isto é, procurando do melhor modo possível, interpretar o trecho.

A explicação do assunto sempre se faz na forma interrogativa por meio de perguntas e respostas (dialogada); nunca, porém se faz a explicação de modo expositivo.

Deve ser rigorosamente metódica e completa essa explicação.

O mestre tornará frase, capitulo, por capitulo, e ocupar-se-á sucessivamente:

- 1º.—da pronunciação das palavras;
- 2º.—do seu significado;
- 3º.—das illustrações;
- 4º.—das frases insuladas e em conjunto;
- 5º.—dos pensamentos fundamentais do trecho;
- 6º.—da beleza literaria da linguagem;
- 7º.—dos tons da voz, dos ademanes, dos gestos, dos modos, etc.

Recomenda-se especialmente não se deter muito tempo neste passo.

A análise deve ser rápida, clara e concisa, excluindo-se os pormenores de pouca importância.

3º.—Reprodução sintética do assunto.

Depois de feita os 2 passos, que foram relatados, o mestre passará a reproduzir sinteticamente o assunto.

A reprodução sintética do assunto consiste em fazer resumir com um ou mais de um aluno as idéas principais do assunto.

1º.—para assegurar a compreensão do assunto;

2º.—para sistematizar as idéas e ordená-las novamente, depois da análise explicativa.

3º.—leitura pelos alunos.

É este o principal passo da aula, e é o mais discutivel pelos pedagogos.

Respeito a sua execução, existe três opiniões:

1º.—fazer ler, com um só aluno, o assunto anterior da leitura;

2º—fazer lêr, com varios alunos, cada um de per si, período por período ou parágrafo por parágrafo.

3º—lêr em primeiro lugar o mestre cada uma das frases, e depois fazê-la repetir pelos alunos.

E' indubitavel que se deve preferir o primeiro processo, pois é o mais vantajoso dos três.

1º—porque fôrma leitores melhores;

2º—porque facilita e permite a aplicação das regras teóricas referentes a posturas do leitor, a modulação, a enfase, a fluidez, etc.

3º—porque conserva a unidade do assunto;

4º—porque emite e reproduz o modelo dado pelo mestre no princípio da classe.

Exige êste processo alguns exercícios complementares da repetição.

Depois de haver lido um aluno inteiramente um trecho, outro aluno de aptidão expressiva inferiores tornará a repeti-lo igualmente; após isso fará uma leitura em conjunto como em côro.

5º—aplicação. A conclusão da aula pôde ser feita de tres maneiras:

1º—pedir aos alunos que indiquem os principais meios de interlocação empregados nos diversos capitulos lidos, ou nos diversos parágrafos, bem como as razões em que se funda a sua aplicação;

2º—exigir que os alunos aprendam de memória o trecho afim de o recitar na proxima aula;

3º—prescrever como dever o estudo literario do mesmo trecho.

Êsses tres processos são igualmente ótimos.

## PONTO XVIII

### MODÉLO DE PLANO DE UMA AULA

Nenhuma aula de leitura deve ser improvisada.

Todas as aulas desde as mais simples até a mais complexa devem ser preparadas de ante mão e metodizadas de acôrdo pelas regras estabelecidas pela arte de ensinar e pela metodologia de cada matéria.

A preparação quanto a aula deverá ser feita quanto a essencia refere-se:

1º - ao significado das palavras;

2º—ao conteúdo das frases;

3º—as relações estabelecidas entre os vocábulos e as proposições;

4º—a compreensibilidade do assunto.

## Atividades escolares

178



O prof. Barreiros Filho discursando no plenio do Pau Brasil, no jardim público de Blumenau

A preparação quanto a fôrma diz respeito a elocução.

A pronúnciação, a entoação, a fluidez, os gestos, os ademanes, etc.

A metodização da aula consiste em se elaborar o plano e o bosquejo da lição.

O plano abrange os diversos passos sucessivos da aula.

O bosquejo é o desenvolvimento metódico por meio de perguntas e respostas dos passos na mesma ordem em que estão consignados do plano.

O modelo que vamos dar pôde servir de orientação geral para a preparação e a metodização das aulas de leitura inicial.

Plano

*Materia*: leitura inicial, assunto:—ensino, escrita, leitura e aplicação da palavra *boneca*.

Gráu:

1º infantil.

Método geral: indutivo-dedutivo.

Método especial: de palavras geradoras.

Fôrmas de ensino: interrogativa.

Processo:

1º ilustrações — a boneca (natural); sua representação plástica; estampas e desenho de varios tamanhos (representações gráficas).

2º Análise:—decomposição da palavra em seus elementos constitutivos.

3º—síntese: recomposição de palavras e sua aplicação.

Feito êsse plano o professor começa a aula do seguinte modo:

1º introdução: a) intuição da palavra boneca, intuição que consiste na representação da ilustração natural (a boneca) e na apresentação da sua ilustração plástica e depois gráfica; b) representação da palavra, principalmente no quadro negro e em seguida no cartão ou papel.

2º desenvolvimento do assunto:

a) exercicio de pronúnciação;

b) escrita da palavra feita pelos alunos em seu caderno ou lousa;

c) decomposição da palavra em sons (silabas);

d) decomposição das silabas em letras (oralmente e por escrito);

e) recomposição das silabas, reunindo-se as letras;

f) recomposição da palavra, reunindo-se as silibas;

g) escrita e leitura da mesma palavra;

h) exercícos de memória (abstração).

3º recapitulação: a) formação de novas palavras com as silabas aprendidas; b) formação de sentenças simples com as palavras novas.

## UMA GRANDE FIGURA NOS FASTOS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública)

A Associação Brasileira de Educação comemora, no dia 18 deste mês, o decimo aniversário do seu organizador, Heitor Lyra da Silva.

O insigne brasileiro, nascido nesta Capital em 5 de Março de 1879, foi um abnegado servidor da causa da educação nacional. Constituiu toda a sua vida benfeitoria uma permanente demonstração de fidelidade ao ideal, de abnegação e de desprendimento, qualidades que explicam o êxito de sua atuação, tão silenciosa quanto eficiente, desenvolvida no sentido de despertar no Brasil o interesse pelo problema da escola e de a tornar, no aparelhamento e no espírito, conforme aos seus verdadeiros objetivos, graças à formação de uma mentalidade capaz de os compreender e promover.

Desde os bancos escolares, quando ainda se preparava, no Colégio Pedro II, para o bacharelado em ciências e letras, revelara Heitor Lyra a sua inteligência brilhante a par do adamantino caráter em que se destacavam, como virtudes dominantes, a modestia levada ao extremo, a afetividade, o altruísmo, a acolhedora bondade, a simpatia irradiante das atitudes. Por força desses predicados tornava-se um líder onde quer que se apresentasse para o concurso de suas idéias e a colaboração do seu desejo sincero de ver vitoriosas as grandes campanhas do bem. Impunha-se como chefe, à revelia, de sua própria vontade, quando se apagava para melhor realizar as bem inspiradas iniciativas que tudo deveram ao seu esforço sem alardes, à sua tolerância para com as opiniões alheias, ao dom de persuadir sem humilhar, comandando quando parecia obedecer e fundando a aceitação dos seus propositos, sempre acertado, na conquista simultânea dos corações e das inteligências.

Poderia ter deixado um rastro luminoso na história da engenharia nacional se, apesar de sua formatura pela Escola Politécnica em 1901, não houvesse consagrado, preferentemente, em todas as fases de sua vida de idealista, o melhor de suas atividades à realização de um grande sonho de educacionista por vocação.

Essa preocupação constante pelo problema da formação das nossas juventudes, transparecia a todo o momento, tanto nos seus escritos como na sua palavra de evangelizador, justificando, notória, os ensejos que freqüentemente se lhe depararam de ingressar no

magisterio. Destes, acolheu alguns sem relutância, pelo desejo de servir e outros recusou, por escrúpulos improcedentes, oriundos do excessivo rigôr com que julgava os próprios méritos.

Foi todavia professor na Escola Nacional de Belas Artes e na Escola Souza Aguiar. Da maneira porque se desempenhou da missão que lhe foi confiada neste último educandário, dizem-no o apreciado compendio que escreveu com o proposito de tornar o ensino acessível ao nível de preparação dos discentes e a organização de um laboratório a cuja montagem aplicou o salário que recebia em paga dos seus serviços!

No decurso de sua carreira profissional de engenheiro, conciliava o cumprimento exato das obrigações funcionais com a sua devoção pelo maior dos nossos problemas, traduzidas no amor pela causa dos jovens que formariam o Brasil de amanhã.

Trabalhando na Estrada de Ferro Paulista, fundou em Jundiaí uma escola para filhos de operários; na Central do Brasil, a Escola Silva Freire, no Engenho de Dentro, muito deveu ao seu descolino e carinhosa vigilância.

A numerosos outros aspectos do problema educacional acha-se ligado o nome de Heitor Lyra na forma de sugestões e planos que elaborou em beneficio de colégios particulares ou no intuito de contribuir com a sua experiência para orientação do governo, em vésperas de reformas do ensino.

Entre os grandes projetos em cuja meditação se deleitava o seu adeantado espírito, alento aos problemas sociais de que depende a evolução racional do país, figurou, durante algum tempo, o da criação de um partido politico, no sentido mais construtivo dessa expressão, por isso que visava, no terreno eleitoral, o voto secreto, na esfera judiciária, a remodelação da magistratura e dos seus processos, e no setor educativo, a implantação de um sistema escolar apto a preparar as classes médias, de um lado, e, de outro, as classes populares, para o exercicio consciente lógico dos deveres impostos aos cidadãos pela nação organizada.

Estas ligeiras notas colhidas rapidamente num panegirico com que a A. B. E. pretende solenizar a efeméride de 18 de Novembro, afiguram-se assás eloquentes para sugerir uma idéa do que foi a vida benemerita do fundador daquele gremio.

A perda que o Brasil sofreu há um decenio, quando se finou aos 47 annos de idade, o apóstolo voluntariamente obscuro, não produziu o abalo que sempre determina o desaparecimento de personagens illustres que muito cooperaram o bem colectivo.

Heitor Lyra construiu na sombra, para a posteridade, e a glória respeitou-lhe a modestia, reservando-lhe, para o túmulo os lou-

ros que ele nunca pleiteou. A sua memória não deve, porém, permanecer confinada no âmbito da veneração dos que o conheceram de perto e ainda pelejam pela causa de que foi o grande e feliz animador.

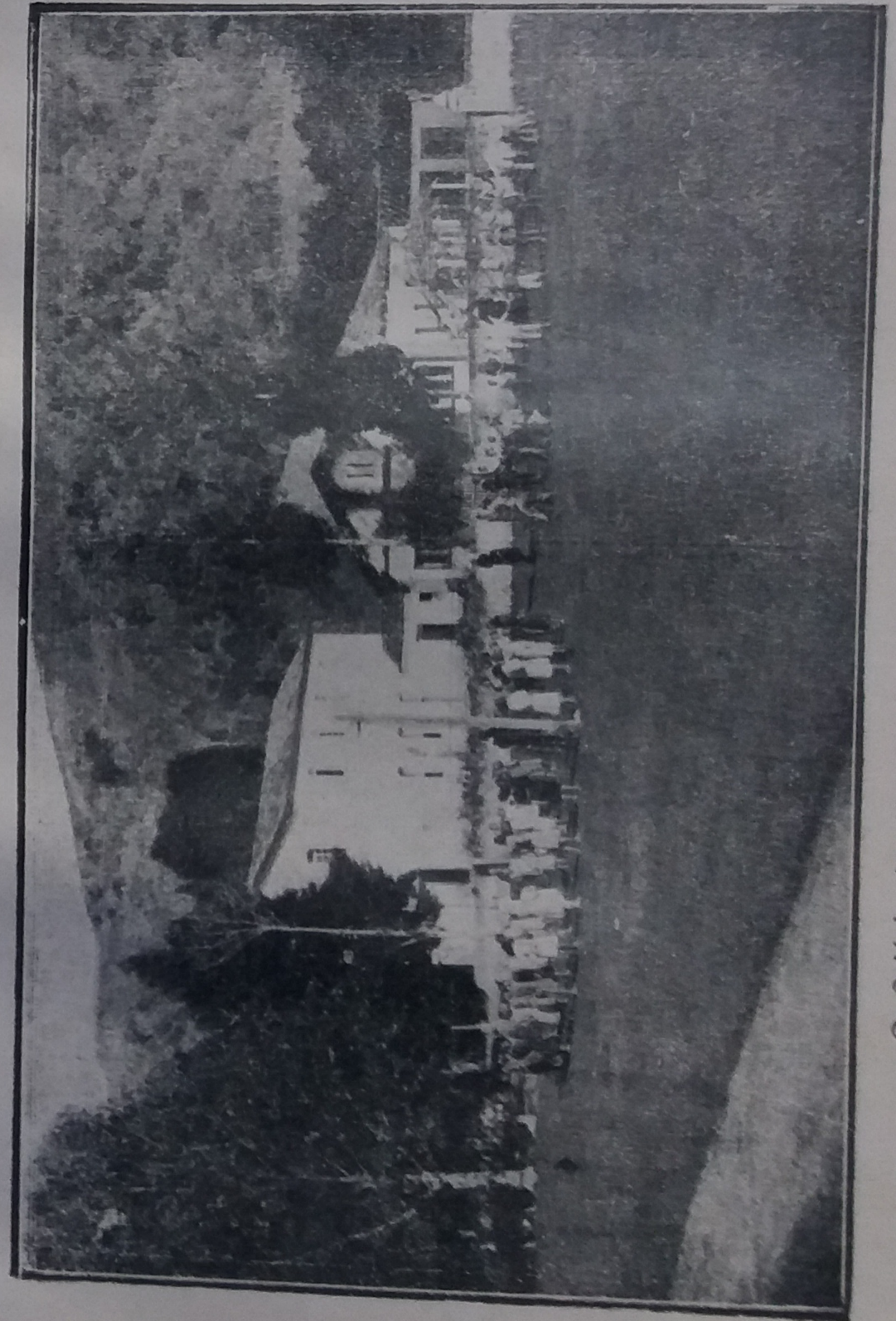
Cumpra divulgar-lhe a vida exemplar com um incentivo à emulação dos que se lhe aproximarem nas virtudes e sentirem vocação para acompanhá-lo na trajetória edificante.

É este o novo serviço que prestará ao Brasil a Associação Brasileira de Educação, recordando à nação os feitos e as atitudes do saudoso patricio de que ela perpetua, na sua benemerência e no seu idealismo, o pensamento imortal.

## Tabéla de alimentação para os escolares

ALIMENTOS	
Leite . . . . .	750 grs. a 1 lit.
Pão . . . . .	200 »
Carne . . . . .	50 »
Legumes e verduras . . . . .	200 »
Feijão . . . . .	15 »
Batata . . . . .	50 »
Arrôs . . . . .	10 »
Ovos . . . . .	1
Frutas . . . . .	4
Toucinho . . . . .	10 grs.
Manteiga . . . . .	10 »
Assucar . . . . .	30 »
Massas . . . . .	10 »
Farinhas . . . . .	10 »
Cereais . . . . .	20 »
Queijo . . . . .	10 »
Mate . . . . .	10 »
	1385 grs.

## Atividades escolares



O Colégio de Vargem do Cedro — Imaruá, em recreio

Como é de grande interêsse aos srs. professores publicamos as leis ns. 133 e 134

### LEI N. 133, DE 16 DE NOVEMBRO DE 1936

ESTABELECE O CONCURSO PARA AS  
REMOÇÕES DE PROFESSORES PRIMÁRIOS.

O Doutor Nerêu Ramos, Governador do Estado de Santa Catarina.

Faço saber a todos os habitantes d'êste Estado que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.—Na primeira quinzena de Dezembro, o Departamento de Educação fará publicar a relação completa, por município, das escolas e classes vagas, de acôrdo com as informações das Inspetorias Escolares, até trinta de Novembro.

Art. 2.—A inscrição para o concurso e a classificação e escolha das escolas e classes serão feitas, respectivamente, na primeira e segunda quinzena de Dezembro.

Art. 3.—Na formação dos pontos de cada candidato, entrarão os seguintes elementos:

a) tempo efetivo de exercício no magistério, calculado em trimestres nos cinco primeiros anos, e em semestres, nos anos seguintes, correspondendo a um trimestre o que exceder de 45 dias e a um semestre o tempo superior a três meses;

b) freqüência do professor no último ano, dividida por 10;

c) número de alunos promovidos nos dois últimos anos, que será equivalente a zero, se a freqüência do professor tiver sido, inferior à metade dos dias letivos do ano.

§ 1.—Acrescer-se-á de 20 pontos o total alcançado, se o professor fôr diplomado por E. N. Superior Vocacional; de 10 se por E. N. Primária ou pelas antigas Escolas Complementares.

§ 2.—Aos professores rurais será contado mais um ponto para cada ano de exercício contínuo, que exceder de um ano, na mesma escola.

§ 3.—Havendo dois ou mais candidatos com o mesmo número de pontos, a classificação se fará pelo tempo de exercício, e, se êste fôr igual caberá a prioridade ao mais velho.

Art. 4.—Não se poderão inscrever os professores, em cujas classes ou escolas, a promoção dos alunos, nos dois últimos anos, fôr inferior a 15, e aqueles cuja freqüência no último ano dividida por 10, dêr um quociente inferior a 15.

Art. 5.—Nos casos de remoção de conjuges, o pedido de inscrição será feita num só requerimento e o total de pontos divididos por dois.

Art. 6.—A classificação será publicada no Diario Oficial do Estado, e a chamada dos candidatos se fará, obedecendo, rigorosamente, à ordem decrescente de colocação.

§ único.—Os conjuges professores serão chamados simultaneamente.

Art. 7.—Independente de chamada a remoção do candidato a quem só convier determinado grupo escolar ou escola isolada, desde que do requerimento faça constar a pretensão, respeitada a escolha pelos melhores classificados.

Art. 8.—Os requerimentos de inscrição serão dirigidos ao Diretor do Departamento de Educação, por intermédio dos Inspetores e acompanhados de um boletim, fornecido pelo Diretor do Grupo Escolar ou Chefe Escolar, quando se tratar de escola isolada, com o visto da parte interessada e do Inspetor Escolar.

§ 1.—O boletim trará os seguintes dados:

a) freqüência do professor no último ano;

b) freqüência média da classe no último ano;

c) número de alunos promovidos nos dois últimos anos.



§ 2.—As faltas abonadas e os dias de licença ou afastamento sem desconto, são consideradas, para o cálculo, como comparecimento.

Art. 9.—A remoção, em qualquer época se fará nos termos do art. 2º da Lei 68, de 11 de Agosto de 1936

Art. 10.—Os diplomados por Escolas Normais Primárias ou pelas antigas Escolas Complementares só poderão ser removidos para as escolas rurais.

Art. 11.—Os professores municipais, se diplomados por quaisquer Escolas Normais do Estado ou pelas antigas Escolas Complementares, gozarão das regalias de remoção para as escolas estaduais, desde que façam acompanhar a petição dos seguintes documentos:

- a) certificado de que a escola regida pelo candidato está sob inspeção das autoridades escolares estaduais;
- b) diploma;
- c) portaria da nomeação expedida pelo Prefeito;
- d) atestado de saúde;
- e) ficha do exercício, se o candidato houver ocupado algum cargo no magistério estadual;

f) atestado de exercício passado pela autoridade municipal competente e visado pelo Inspetor Escolar, para o cálculo do tempo de exercício do candidato, deduzindo-se as licenças e afastamentos, com ou sem vencimentos, salvo as licenças às gestantes;

g) boletim fornecido pelo Inspetor Escolar, ou Chefe Escolar, com o visto da parte interessada do Prefeito, contendo os cálculos constantes do boletim exigido aos professores estaduais.

Art. 12.—Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça assim a faça executar.  
Palácio do Governo em Florianópolis, 16 de Novembro de 1936.

NERÊU RAMOS

*Manoel Pedro Silveira*

Publicada a presente Lei na Diretoria do Interior e Justiça aos dezesseis dias do mês de Novembro do ano de mil novecentos e trinta e seis.

Gustavo Neves

Director

## LEI N. 134, DE 16 DE NOVEMBRO DE 1936

ESTABELECE O CONCURSO DE TÍTULOS PARA O INGRESSO E REVERSÃO AO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO.

O Doutor Nerêu Ramos, Governador do Estado de Santa Catarina.

Faço saber todos os habitantes deste Estado que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.—O Departamento de Educação, na primeira quinzena de Janeiro, fará publicar a relação completa, por município, das escolas e classes vagas.

Art. 2.—A inscrição para concurso e a classificação e escolha das escolas e classes vagas serão feitas, respectivamente, na primeira e segunda quinzenas de Janeiro.

Art. 3.—Só poderão concorrer para o provimento dessas escolas ou classes, os diplomados pelas Escolas Normais do Estado ou os professores a estes equiparados.

Art. 4.—Para a formação dos pontos de cada candidato entrarão os seguintes elementos:

- a) tempo de exercício como adjunta ou substituta, calculado em meses;
- b) número de anos completos, até o concurso, correspondendo, a cada ano, 10 pontos, se o candidato é formado por Escola Normal Primária ou pelas antigas Escolas Complementares; 15, se por Escola Normal Secundária ou pelas antigas Escolas Normais do Estado; e 20, se diplomado por Escola Normal Superior Vocacional;
- c) média geral, com aproximação até décimos, das notas de Pedagogia e Psicologia, multiplicada por 3, se o candidato é diplomado por Escola Normal Primária ou Secundária de Educação; por 4, se diplomado pelas antigas Escolas Normais do Estado;

d) média geral de Psicologia geral e infantil, Psicologia aplicada à Educação multiplicada por 5, se o candidato é diplomado por Escola Normal Superior Vocacional;

e) média geral do diploma, com aproximação até décimos.

§ único.—Se o candidato ou diplomado for ginasiano ou diplomado pelas Escolas Complementares, prestará exame de Psicologia e Pedagogia, aproximando-se até os décimos a média destes exames.

Art. 5.—Os candidatos deverão requerer ao Director do Departamento, instruído a petição com os seguintes documentos:

a) nos casos de ingresso:

1) diploma;

2) certificado da média geral das notas referidas nas letras c e d do art. 4;

3) atestado de saúde, nos termos do art. 6º da Lei 73, de 24 de Agosto de 1936;

4) boletim fornecido por Director de Instituto, por Inspetor Escolas, com o visto da parte interessada, contendo os dados exigidos no art. 4.

b) nos casos de reversão:

1) os mesmos documentos exigidos no caso de ingresso;

2) atestado fornecido pelo Departamento de Educação, provando não ter sido o candidato demitido do cargo de processo administrativo.

Art. 6.—As nomeações obedecerão ao processo seguinte:

a) feita a classificação, durante o prazo de dez dias, contados da data da publicação da relação dos inscritos e classificados, serão recebidos os requerimentos dos candidatos com a indicação da escola ou classificação vaga desejada;

b) o deferimento se dará, observando a ordem decrescente da classificação;

c) no caso de dois ou mais candidatos em igualdade de condições requererem a mesma escola, terá preferência o que morar na localidade, e, se nenhum nela tiver residência, o direito será do mais velho.

Art. 7.—Para dirigir os trabalhos do concurso de ingresso e reversão ao magistério, o Departamento de Educação designará uma comissão composta do sub-director técnico do Departamento, o Inspetor da Capital e o Director do Instituto de Educação da Capital, sob a presidência do Director do Departamento.

§ único.—Os membros da Comissão não perceberão outros vencimentos senão os dos respectivos cargos.

Art. 8.—É vedado o ingresso no magistério primário a professores com menos de 18 e mais de 45 anos.

Art. 9.—O Governo proverá, interinamente, as escolas que estiverem vagas.

Art. 10.—Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça a faça executar.

Palácio do Governo em Florianópolis, 16 de Novembro de 1936.

NEREU RAMOS

*Manoel Pedro Silveira*

Publicada a presente Lei na Diretoria do Interior e Justiça, aos dezesseis dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e trinta e seis.

Gustavo Neves

Director

## Frutos da Semana de Educação

## Trecho de um relatório

PEDRO PAULO PHILIPPI  
Inspetor escolar

Nas minhas viagens durante este mês, além dos dois Grupos Escolares desta cidade, passei em 14 escolas estaduais e em 8 municipais, podendo verificar que as palestras realizadas na «Semana Educacional», de Itajaí, tiveram o condão de imprimir no seio do professorado itajaiense, o uso de novas idéas e estímulo, um verdadeiro entusiasmo.

Todas as escolas apresentam aspecto bem diferente do de até agora: vasos, ou melhor, lafinhas e caixinhas (com funções de vasos) contendo variadas folhagens, flores e até lindíssimos espécimens de parasitas, cujos cuidados estão a cargo dos próprios alunos; quadros, com recortes de revistas e jornais, para o estudo da aritmética, história, etc., dão às salas de aula um ambiente inteiramente novo para as crianças e impressionam agradavelmente até visitantes, que, logo de entrada, se convencerão de que «a escola vive».

A par do cuidado de enfeitar a sala há também a preocupação de um asseio correspondente ao aspecto festivo da escola, como ainda ordem na disposição e guarda do material escolar.

Além destes resultados gerais e da formação da Imprensa Escolar, que teve aceitação, existindo, já em circulação, 22 jornais em escolas estaduais e 18 em escolas municipais—esta Inspetoria tem informações de que em diversas escolas estão sendo estudadas organizações de Caixas e Bibliotecas escolares e já foram realizadas interessantes e proveitosas excursões.

---

## Noticiário

O interesse despertado nas nossas escolas, pelos jornais escolares, é significativo e de um entusiasmo animador.

Sempre no intuito de renovação dos processos de ensino e de alevantamento das escolas, o Departamento de Educação seguindo o rumo traçado e assistido por seus imediatos auxiliares, vem imprimindo novos rumos ao ensino, arrancando-o do tradicionalismo apático e transportando-o para o campo das atividades humanas.

Conta presentemente o Estado com 130 jornais escolares, feitos unicamente pelos alunos e com uma interessante colaboração.

Não é demais afirmar que em pouco tempo teremos jornais em todas as escolas.

## Encerramento do ano letivo

Com grande brilhantismo, todos os estabelecimentos de ensino encerraram os seus trabalhos no corrente ano.